

WLADIMIR OLIVIER

POESIA-LENITIVO

(SONETOS)

ESPÍRITOS DIVERSOS

Saiba, Irmão, que estes versos
provieram da Espiritualidade!

ÍNDICE

Retomada — O desejo	5
O amar — A expectativa	6
O sofrimento — A realização.....	7
A solidariedade — A quem passa	8
Esta poesia — O mandamento	9
Autocrítica — O objetivo	10
A manufatura — Conversa fictícia	11
A invocação — A orientação	12
Projetos de vida — A compreensão	13
Alegre mente — Compasso de espera	14
Lei de talião obstruída — Quem não ajuda.....	15
Irreversibilidade — O sacrifício	16
Uma lembrança — O sofredor	17
A revelação — A condição da trova	18
Com saudade da matéria — No palco	19
Conversa imaginária(I) — Integridade fundamental ..	20
<i>Dia de Finados</i> — As vidas sucessivas	21
Busca do ideal — À reprimenda	22
Sem poder — Resultado da pressa	23
De propósito — Confissão	24
Contrita mente — Reconhecimento	25
Poesia-lenitivo — Fogo que arde e se vê	26
Descorada mente — Com naturalidade	27
Sem sândalo nem mirra — Três por quatro	28
Dois por dois — Só desafio	29
Desestimulada mente — Dezoito por vinte e quatro ..	30
Em rascunho — Minha apoteose	31
Sob o trovejar — Simples mente	32
Em tempo — Maliciosa mente	33
Conversinha fiada — Uma questão fabulosa	34
A intenção — A caracterização	35
O histórico — A emoção	36
A participação do médium — A técnica	37
O pedido — Pós-redação	38
A verdade seja dita — Pondo a modéstia de lado	39
Esforçada mente — Rápida mente	40
A coerção do mal — Importância do amor-próprio	41
Respeitando o médium — Resumida mente	42
Conselho auto-aplicável — Diminuta mente	43
Sem poesia — Lembrando Pessoa	44

Se não fosse o médium... — Laborterapia	45
A título de repreensão — Com o jogo ganho	46
Previsível mente — Conscienzosa mente	47
De <i>p'ra</i> e de <i>para</i> — <i>Intramuros</i>	48
Criatura criadora — Presciência do sentimento	49
Conversa imaginária(II) — De barcos e de trovas ...	50
Poesia e amor — Sem hipocrisia	51
Restrições da alma — O pensar emocionado	52
O desprezo — Expectação	53
Descrição de mim — Complemento da descrição	54
Auto-avaliação — O espírito enquadrado	55
Sou responsável — Sem carícias	56
O de que necessito — <i>Canja</i> ao escrevente	57
O abrigo mediúnico — Solapando o soneto	58
Para colher no futuro — Piedosa mentira	59
Dando voz à consciência — Esquecimento	60
O temor — Perante o elogio	61
Extrema unção — A travessura	62
<i>Natura non facit saltus</i> — O valor intrínseco	63
Séria brincadeira — Ardor desmedido	64
Convite — Tortuosa estrada	65
Sem hipocrisia? — Com sinceridade?	66
A verdade subjetiva — A labuta	67
A restrição — A característica	68
A realização — O problema	69
A certeza — Misturada	70
A interlocução — A hora é agora	71
Faço o que posso — O mal em mim	72
Sofrendo ainda — O verso bom	73
A flor — Sem perversidade	74
O critério — Desarmoniosa mente	75
É o tio! — Satisfação	76
A libação — As reminiscências	77
A bênção, tio! — O entusiasmo do médium	78
A preocupação do médium — Conversa com o médium ...	79
Acusação contra o médium — Esquecendo o médium	80
Alegria de uns... — As recordações	81
O resgate — O amparo	82
Embatucada mente — Brincadeira prejudicial	83
Respeitosa mente — Fora de hora	84
Bondade indisfarçável — A seriedade	85
A vigilância — A virtude a ser conquistada	86
A pergunta — A resposta	87
A promessa... — ...cumpre-se	88

A velha religiosidade — O desafogo	89
Violência sutil — Poesia é mal menor	90
O <i>não</i> ao verso — Nobre finalidade	91
Agradecida mente — Arrependida mente	92
Onde as luvas?	93

Retomada¹

Leitura obrigatória, os nossos versos
Terão algum sentido para o médium,
Porque já fez efeito o bom remédio
E os dias já não são ruins, perversos.

Precisa o caro amigo, para o tédio,
De trabalhar os temas mais diversos,
Que possam abranger os universos,
Que a dúvida começa o vil assédio.

Então, recuperar este serviço
Há de ser bem melhor p'ra todos nós,
Pois temos com Jesus o compromisso

De desfazer da mente os fortes nós,
P'ra que ninguém jamais rejeite o viço
Que se entrevê da vida um dia após.

O desejo

Apenas o desejo de prestar
Auxílio a quem nos pede com amor
Desperta, em nosso ser, um tal ardor
Como perfuma a flor todo o pomar.

Assim, comparecemos p'ra compor,
Do médium, no recesso de seu lar,
Embora seja a rima singular
E o verso um só lembrete para a dor.

É que a esperança brota bem no fundo
Do coração que pende p'ra poesia
Que não se ajusta à ideia cá do mundo.

Mas é com fé que aqui comparecemos,
Iluminando o sol a cada dia
O bem que amor ajusta em dons supremos.

¹ Por problemas de saúde, deixou o médium de servir aos poetas do etéreo por cerca de dez meses.

O amar

A crítica ferina ao nosso verso
Sabemos já de cor, durante a lida,
Porém, a nossa mente consolida
A força deste amor incontroverso.

Se temos de fazer mais entendida
A lira deste canto do universo,
É bom que o coração esteja imerso
Na vibração maior de nossa vida.

Será que o nosso *mestre* aprovaria
A rima mais frequente em nossa trova,
Aquela que perverte esta poesia

Ao tresandar o horror de aberta cova?
Provavelmente sim, mas nos diria
Que amor é bem que sempre se renova.

A expectativa

As penas que sofremos logo agora
Estão além das lindes do trabalho,
Porquanto todo o povo vê que falho
Se encontra o nosso verso, sem demora.

Diria o mau poeta: — *Eu me embaralho*
Porque não sei tisonar o tom da aurora
Ao pranto tão sentido de quem chora,
Para sorrir da dor, sem quebra-galho.

Aí, nossa mistura não combina:
Enterro, riso franco, serpentina,
Na festa que se quer além da morte.

Deixamos o bom médium consternado,
Pensando co'os botões: — *Eu não me agrado,*
Mas tenho de enfrentar a minha sorte.

O sofrimento

Um dia, chegaremos à poesia
De tanto treinamento à luz de vela.
Aí, vamos sofrer não mais por ela:
Por termos congelado, numa fria.

A dúvida crescente se revela
Na esdrúxula palavra, todavia,
Está na força tibia da harmonia
Tal erro que o soneto mostra e sela.

Perdão, Senhor, havemos de pedir,
Por termos desandado da Doutrina,
Fazendo mais sofrer o Wladimir,

Que quer sentir, no verso, o que se ensina
Na escola em que pretende, no porvir,
Haurir cada virtude peregrina.

A realização

Ao longe é que diviso o treinamento
Dos versos que ora passo aos bons mortais.
Assim, é de esperar de mim bem mais,
Embora o verso mostre estar mui lento.

Não quero que se diga: — *São iguais*
As rimas arrastadas pelo vento.
Eu hoje vou dizer que não invento,
Porque sofro desditas sazonais.

Espécie de remorso, esta poesia
Garante o despertar para a verdade,
Que é tudo o que melhor aqui faria,

Pois tenho para mim que o bem me invade,
Ao dar ao meu leitor mais alegria,
Na fúria da invenção-felicidade.

A solidariedade

Agora sinto a força da bondade
Do *mestre* que me apoia no trabalho,
Pois sempre, quando aqui mais me atrapalho,
A persistir com fé me persuade.

Não quero que pareça um quebra-galho
A luta pelo amor-felicidade,
Porquanto incentivar-me tem quem há-de,
Na esfera dos mortais, assim que encalho.

Roteiro pretensioso p'ra quem geme,
Rememorando o crime mais antigo,
Este soneto as dores d'alma espreme.

Cipós enovelados sempre a esmo,
Os pensamentos ferem este amigo,
Que vem buscar mais luz para si mesmo.

A quem passa

Quisesse compreender melhor a vida,
Iria buscar luzes mais adiante.
Se aqui parou, por ser exuberante,
Em breve, a trova ficará esquecida.

Então, vou lhe dizer que amor garante
O ganho dum prenda a quem duvida
Estar perante a luta dum lida,
Porque não quer passar um palmo avante.

Estremecer de medo da poesia,
Por apontar os vícios cá da Terra,
Não há de nos toldar doce alegria,

Ao ver que o verso nosso mais encerra
O que o melhor poeta assinaria,
Após vencer a dor, em dura guerra.

Esta poesia

Não tenho compromisso com o belo
E peno p'ra expressar tão só a verdade;
Percebo que o temor minh'alma invade
E tento disfarçar que me escabelo.

Os versos são a forma de quem há de
Querer que a tal mensagem vá p'ro prelo,
No entanto, eu não falseio e já revelo
Que o fim nos dá o limite à liberdade.

Ainda que eu soubesse a melhor forma
De pôr perante o povo este meu tema,
Iria respaldar-me em velha norma,

Por ser este soneto um bom esquema,
Que não requer conceito de reforma,
Embora mude a rima do poema.

O mandamento

Amar a Deus é tudo o que requeiro
A quem teve a paciência da leitura,
Pois Deus protege cada criatura:
Pois último, no Céu, será primeiro.

Eu penso que esta rima está segura,
P'ra demonstrar um tema verdadeiro.
O mais que se disser, neste espinheiro,
Vai ter que revelar que o bem se apura.

Senhor, perdão vos peço por ousado,
A ponto de citar o vosso nome,
Porquanto, eu vos confesso, bem me agrado,

Pensando que o leitor que me consome
Não tenha outro motivo e preocupado
Se ponha a vos amar e o tom lhe dome.

Autocrítica

Não temos muito tempo para o verso,
Por isso o nosso texto fica manco.
Às vezes, é melhor deixar em branco,
Tanto o soneto torna-se perverso.

O carro que só pega após um tranco
Encontra uma ladeira e logo *esterço*
Na direção do asfalto e não diverso,
Mantendo-o, então, ligado; é quando estanco.

Preciso viajar, por isso aceito
Que o tema não se ajeite em cada rima:
Fazer um verso é bom, mesmo imperfeito.

Quem nunca fez poesia que se oprima:
Jamais foi escolhido nem eleito,
Porém, não faça nada como acima.

O objetivo

Em pé de guerra estou com o meu médium,
Que não deseja ver a mesma rima:
Perversos não são versos de obra-prima,
Pululando teimosos, neste assédio.

Eu quero que o leitor me tenha estima,
Pois é quem vai trazer-me o bom remédio,
Quando livrar-se alegre de seu tédio,
Que o bem do verso agora legitima.

Paupérrimos aqueles que desprezam
A luta sem a glória do poder.
Riquíssimos aqueles que mais rezam,

P'ra que cumpramos nós nosso dever,
Pois muitos são aqueles que revezam,
Na hora de falar e de escrever.

A manufatura

Os textos vão saindo devagar:
Não temos compromisso com a pressa,
Porém, se o samba logo se atravessa,
Aí, vamos parar para pensar.

A ideia chega e, pronto!, se arremessa:
Efeito que se quer seja exemplar,
Mas tudo teve um dia um rascunhar,
Que a rima torna boa, boa à beça.

Brincar também se pode por aqui,
Desde que a brincadeira seja honesta.
Não vale, então, dizer: — *Eu logo vi*

Que alguém vai afirmar que a rima presta.
Larvar ponto de vista, siriri:
Cupim que criou asas, na seresta.

Conversa fictícia

— *São rimas evangélicas, talvez* —,
Há de dizer alguém, com medo delas;
E corre p'ra acender algumas velas,
Pois quem veio escrever não é freguês.

Porém, p'ra quem quiser vê-las mais belas,
Tem todo o cancionero português;
E os textos nacionais também têm vez,
Para purgar os vícios e as mazelas.

Eu fico por aqui, pois hoje basta
De textos desprovidos de beleza,
Que o mal, mais que a verdade, a mim me arrasta.

— *Reconheceu, enfim!* —, hão de dizer,
Porém, eu sei que a luta é bem mais vasta:
E que é difícil vir cumprir dever.

A invocação

Senhor, que tudo vês, esquece o mal
E põe, perante nós, o teu amor,
Fazendo do poeta um trovador,
Capaz dum versejar sentimental.

A trova que se há de então compor
Terá de ser do agrado mais geral,
A ponto de gerar, em nosso igual,
O sentimento justo do valor.

Não deixes que este médium se atrapalhe;
Serena o coração que já estremece
E paz à alma sua, eu peço, dá-lhe,

P'ra que fecunda seja a sua messe,
Saindo do sufoco deste encalhe,
Pensando em ti somente, em bela prece.

A orientação

Vencido esse soneto de abertura,
Mais fácil vai ficando o meu ditado,
Porquanto encontro o médium esforçado,
Buscando para a rima a mais segura.

Querendo a melhor trova, hoje arrecado
A média dos finais que se depura
Na prática dos textos sem clausura,
Porque, no fim, eu digo que me agrado.

Falar do próprio verso é tema sério,
No intuito de inspirar outros poetas
Que chegam transtornados para o etéreo.

Então, já podem ver como incompletas
As trovas que provêm do cemitério,
Local em que se enterram os estetas.

Projetos de vida

A lúgubre jornada terá fim
No dia em que eu chegar à perfeição.
Aí, desafogar-se todos vão,
Ao se sentirem livres já de mim.

É quando mais se tem no coração
As flores que não murcham no jardim
Que a gente desconfia ser assim
Que as pétalas se rojam pelo chão.

Enquanto a luta cresce junto ao povo,
Na busca pela paz, em meio à guerra,
Nos galhos sempre achamos um renovo

Que vai determinar que o bem se encerra
No esforço do trabalho. Então, de novo,
Queremos retornar aqui p'ra Terra.

A compreensão

Às vezes, nossas rimas se atrapalham
E tudo o que dizemos pega mal.
Que seja, então, a trova só um sinal
De que os amigos nossos também falham.

Podemos divulgar, neste mural,
Os típicos dizeres que se espalham,
Pedindo aos bons leitores que nos valham,
Podando algum defeito natural.

Aí, vamos saber quem vem conosco,
Na trilha que palmilha a melhor gente,
Livrando-nos da incúria desse enroscosco.

Então, vamos querer que o verso aguente,
Na rima que com nós ninguém *podosco*,
Amor dum coração mais que excelente.

Alegre mente

Com arte, nós compomos nossa trova,
Embora muita vez nos falhe a rima:
Nem sempre se apresenta a mais opima
E é raro quando o tema se renova.

Por isso, dá impressão de estar acima
O texto que nest'hora se desova,
O que, p'ro nosso médium, só comprova
Que nada existe em nós senão estima.

Até certo padrão de bom humor
Se inculca nos sonetos, que resultam
Da busca de burlar áspera dor,

Porquanto os que aqui vêm bem mais exultam,
Do lado inverso deste aspirador,
Que os trocadilhos, cá no fim, avultam.

Compasso de espera

O sofrimento do poeta vale
O resultado pobre da poesia?
O bom humor aqui é de alegria
Ou simplesmente é manto, touca ou xale?

Acobertar a dor, no dia a dia,
Há de fazer com que esta voz se cale.
Ninguém de nós existe que se iguale
Aos que se dedicaram à harmonia.

Estamos só checando o nosso esquema,
Que poderá valer quando perfeitos
Os ciclos do saber da esfera extrema,

Estando os companheiros mais afeitos,
Para desenvolverem, num poema,
O que os levou a terem sido eleitos.

Lei de talião obstruída

A forma pela qual a turma escreve
Se encontra em toda a parte, cá no mundo,
Por isso é bem difícil ser profundo,
Mantendo a obrigação como se deve.

Na rima em que tropeço, eu me contundo,
Querendo que a poesia fique leve.
Mas minha perfeição não é p'ra breve,
Porque jamais passei de vagabundo.

Agora pena a pena em minha mão,
Que o pensamento voa sem sentido,
Ouvindo as Musas, que me dizem: — *Não!*

Mas, ao chegar ao fim, eu não duvido
Que alguns leitores meus compreenderão
O quanto o meu sofrer foi esquecido.

Quem não ajuda...

A quota destes versos vou cumprir,
Embora tenha o tempo já esgotado.
Eu sei que este soneto vai de lado,
Deixando triste o caro Wladimir.

O quanto este poema foi mudado
Vai-se saber somente no porvir.
Quem hoje chora, um dia, vai sorrir:
Ideia com que brinco e mais me agrado.

Paciência, tolerância e bom humor
São regras que se põem para os do grupo
Que vem fazer poesia com amor.

Serei cá recebido com apupo,
Porque não sou capaz de bem compor?
Em não causar transtornos me preocupo.

Irreversibilidade

Não quero perturbar o companheiro
Que, acaso, leia o verso que hoje trago,
Porém, com tal leitura, já estou pago,
Pois nada mais que isso lhe requeiro.

Desta uva mal chupada sobra um bago,
Que peço que aproveite, em derradeiro,
Quem tenha cá chegado por primeiro,
P'ra receber bem cedo o meu afago.

É que, talvez, alguém possa pedir
Ajuda p'ro mistério da poesia,
Porque nem tudo falo numa vez.

O agora, então, será o bom porvir,
Pois nada de melhor ninguém faria,
Se não fizer do jeito que se fez.

O sacrifício

Eu disse que entender o verso meu
Não ia ser tarefa de somenos:
Ao longe, nós fazemos uns acenos
E veja o resultado que se deu.

Porém, os temas são os mais amenos,
Na conta dum provável Zebedeu:
Escuro, muito escuro, mais que breu,
Estágio destes textos de comenos.

Misturo muito termo sem proveito,
No efeito dum soneto sem razão
E espero ouvir dizer o povo: — *Aceito*

Que desse lado alguém nos diga não —;
Porque ganhar, na vida, um simples pleito
Exige que se tenha um coração.

Uma lembrança

Existe um verso triste em cada linha,
Porque não tive tempo p'ra esquecer
Que, quando vivo, fiz o meu dever
Apenas p'ra saber que gosto tinha.

Agora, desespero sem prever
Aonde vai chegar a trova minha,
Por ser a pobre mente tão mesquinha,
Isenta da coragem do poder.

Mas vou levando o verso mesmo assim,
Pois dá p'ra revelar quem é que sou:
Estando no começo, mostro o fim.

Porém, no instante mesmo, onde hoje estou,
Alguém está pensando ainda em mim,
Alguém que mui sofreu, mas perdoou.

O sofredor

Não tenho as ilusões dum verso lindo
E faço, *correndinho*, esta lição;
Pretensiosa, sim; maldosa, não,
Porque, se alguém chorava, já está rindo.

Agora os meus amigos me ouvirão
Dizer que, enquanto eu ia, já estão vindo,
Pois estão dando o tema como findo.
Mas eu faço das tripas, coração.

Quisera ter em mim saber superno,
Mais próprio p'ra mostrar meus sentimentos,
Isentos das agruras deste inferno

De refletir nas chamas dos tormentos,
Pois tudo vem do fogo mais interno
Que assopram meus ferozes pensamentos.

A revelação

Não quero aborrecer este meu médium:
Apenas mais um pouco e já termino,
Buscando de Jesus algum ensino
Que possa me servir como remédio.

Aí, eu penso muito em ser menino,
Que adulto eu vou sofrer feroz assédio,
A ponto de rogar ao Pai o tédio
Dos tempos de prisão como assassino.

Recuperado estou mas sem proveito
P'ra aqueles que feri, durante a vida.
Ainda, p'ro socorro, eu não me ajeito,

Mas dou a clara ideia da ferida
Que tive de curtir dentro do peito,
Sem ver, durante séculos, saída.

A condição da trova

Requer o caro médium mais um verso
Daqueles cuja rima se repete,
Para jogar em mim algum confete,
Dizendo-me o soneto não perverso.

Por mais que amor-verdade o texto injete,
Irá faltar a lei deste universo
De temas do perdão no bem imerso,
Porquanto a mente minha se intromete.

Se for aqui possível ser indene,
Alheio aos compromissos da consciência,
Não haverá ninguém que me condene.

Mas tenho de mostrar a ambivalência
Do bem que me requer que o mal serene,
Sem ânsias de estupor; e com prudência.

Com saudade da matéria

Quem sabe, neste dia, eu chegue junto,
Para formar, na tela, o meu poema:
Por mais que sue, sofra, chore e trema,
Não posso sofrer o meu bestunto.

Assim, devo seguir co' o velho tema
De quem se viu na cova vil defunto.
Em óleo de estupor, eu me besunto,
Fugindo de causar qualquer problema.

No entanto, toda corda terá nó,
P'ra que possamos sempre relembrar
Que o corpo que tivemos virou pó.

Macaco esperto solto no bazar
Irá quebrar cristais, sem qualquer dó,
Porque não tem consciência do lugar.

No palco

Da forma pela qual me apresentei,
O povo irá pensar que esteja louco.
Alguns até dirão ser isso pouco:
Truão que se quer pôr tal qual um rei

A minha voz limpei: não estou rouco
E até na rima interna eu caprichei.
Ser engraçado aqui não é de lei,
Mas ninguém vai fazer ouvido mouco.

Então, por que criar tantos versinhos,
Pejorativamente aqui transpostos,
Necessitando receber carinhos?

Tão só p'ra demonstrar que estou a postos,
Obrando na intenção de dar caminhos
Aos prantos que chorei por vis desgostos.

Conversa imaginária

O nosso amigo médium sente o peso
Das rimas que se expressam sem medida
E quer mostrar a mim uma saída,
Sem descontar a praga do meu vezo.

Então, sem ter poder, só convalida
O texto, que o mantém bem mais aceso,
Sentindo que a revolta o deixa preso,
Distante do fragor da minha lida.

Por isso, eu vou levando o verso meu,
Sem me afetar se faço um inimigo
Naquele que, ao chamar, correspondeu.

É que ao brigar assim, brinca comigo,
Dizendo que o meu verso é muito ateu,
Que eu corro, dessa forma, um grão perigo.

Integridade fundamental

Concordo plenamente que os meus versos
Se atrelam na poesia cadavérica:
São pontas dum estrela bem esférica,
Recurso simplesmente dos perversos.

Colombo, ao descobrir terras da América,
Trazia os pensamentos muito imersos
Em ganhos grandiosos, mas diversos
Da conta que faziam mais numérica.

Assim, talvez se ponha esta poesia
Perante o povo todo deste lado
Que gosta de me ouvir a fantasia,

Na forma e conteúdo mais do agrado
De quem sofreu um pouco, mas não via
Que tudo o que viveu era o seu fado.

Dia de Finados

Obriga-nos o dia a refletir
Sobre o destino humano cá na Terra:
O corpo que se tem aqui se enterra,
Deixando-se ao espírito o porvir.

Contudo, o bem é tudo o que se encerra
Nas almas que se aprestam a partir.
Como querer ser puro o devenir,
Se apenas mantivemos fera guerra?

Quem acha que, ao chegar, vai dar um jeito
De convencer o guia a relevar
As faltas praticadas, a despeito

De ter, na consciência, o seu altar
Irá, por fim, dizer: — *Eu não aceito*
Que tenha, como réprobo, voltar!

As vidas sucessivas

Vamos pensar em Deus tão só um pouquinho,
Para entender as leis que nos dispôs:
Seria o nosso Pai um rude algoz
Ou deu-nos tanta dor só por carinho?

Ao dar-nos mente e corpo, recompôs
Os prismas da verdade do caminho,
P'ra que este povo diga: — *Hoje adivinho*
As vidas que joguei como ioiôs.

O sentimento triste da impotência
Perante a dor carnal que nos sufoca
É bom que se reflita na consciência,

Já que ninguém se esconde em funda toca,
Mas tem de revelar-se que a clemência
É norma do Senhor, p'ra quem a invoca.

02.11.95

Busca do ideal

Com que teor o texto se apresenta,
Se trago o sofrimento para a rima?
Por certo, eu vou fazer uma obra-prima,
Mas sou só eu o público que aguenta.

Não quero disfarçar quanto me arrima
O médium, que trabalho duro enfrenta.
É claro que o bom homem acalenta
O sonho que era meu, na quadra acima.

Eis como relaciono este desejo
Ao término da obra que se faz,
Final que aspiro ser mui benfazejo,

P'ra demonstrar que um pouco eu sou capaz.
Em ondas deste amor, eu sempre vejo
Envolto o meu espírito na paz.

À reprimenda

Então alguém dirá: — *Que verso fraco!*
Melhor fora esquecer um tal trabalho!
Porém, não quero ver nele espantinho,
Embora desejasse mais recato.

No tema *reprimenda*, agora malho
Aquele que mais gera desacato,
Lançando pelas mentes vil boato,
Dizendo este soneto rebotalho.

Um dia, vai chegar a sua vez
De vir expor, em verso, o pensamento,
Que eu rezo p'ra não ser muito soez.

Aí, irá lembrar-se que hoje invento
Um texto p'ra torná-lo meu freguês,
Ao dar-lhe o tom co'o qual eu me contento.

Sem poder

Então, o meu amigo irá escrever,
Sem esperar de mim qualquer censura,
Porquanto o fazer versos sempre cura
A estúpida noção de seu poder.

Se fez o Pai singela a criatura,
Atribuindo o amor como dever,
Agora os encarnados têm de crer
Que nada existe além dessa procura.

Por isso, o meu versinho se envergonha,
Ao revelar-me inútil para a trova
E eu digo ao caro médium: — *Não proponha*

Nenhuma triste glosa como prova.
Evito dessa forma que a cegonha
Carregue no seu bico a Boa Nova.

Resultado da pressa

Não quero desprezar-me pelo verso
Que resultou do esforço dum momento:
É sempre bom dar esclarecimento,
Senão vão concluir que sou perverso.

Minha escansão é fácil mas lamento
Que venha, na maldade, sempre imerso
O sentimento d'alma incontroverso:
A obrigação de demonstrar talento.

Eu vou optar, assim, pela alegria
Do tema sem pudor de ser feliz,
Que é como diz o médium que faria,

Se desse ao escritor a diretriz.
Mas, ao chegar ao fim, um todavia
Vai ter de ouvir de mim: — *Foi por um triz!*

De propósito

Não temo demorar-me junto à mesa,
Porque gostei daqui e deste amigo.
Espero que se encontre mais comigo,
Mantendo deste verso a chama acesa.

Se acaso um erro houver, eu não obrigo
A refazer a estrofe, com certeza.
Aí, cada palavra segue presa
Ao sentimento novo que lobrigo.

É bem melhor tentar tudo de novo,
Remanejando as rimas do soneto,
Que é o desafio maior para o meu povo,

Até que se complete o meu libreto:
Argúcia dum poeta sempre probro
Que troca o vê por bê, sendo discreto.

Confissão

É claro que forcei a trova minha,
P'ra demonstrar à gente que me importo
Com certa precisão que me convinha,
Ao demonstrar que o mal nem sempre corto.

São tantos compromissos numa linha
Que os versos malfadados sempre aborto!
A turma que me assiste se abespinha,
Mas, com amor e paz, logo os conforto.

Primeiras tentativas que transmito,
Os versos se me põem bem variados,
Mas não hão de tornar-me mais aflito,

Porquanto ao Pai dedico os mais ousados,
Reconhecendo, amigos, que é bonito
Seguirmos todos juntos nestes fados .

Contrita mente

Ó Pai santíssimo, velai por mim,
Que agora venho confessar-me triste:
No coração, toda maldade existe,
Mas o perdão vos peço, mesmo assim.

Eu sei que vós não pondes dedo em riste,
Para apontar o quanto sou ruim,
Porém, sabeis que tremo porque vim,
Por ter consciência que meu mal persiste.

Mandai-me um anjo de ternura e amor,
Para mostrar-me, n'alma, uma virtude
Que eu possa melhorar, ao vir compor.

É que pretendo que esta trova mude
Em compaixão minha'arte de obsessão,
Que a minha mente tome outra atitude.

Reconhecimento

— *Por hoje chega!* — há de pensar o amigo
Que me acompanha, linha a linha, o drama,
Que o sentimento logo se esparrama,
Ao lembrar o feito mais antigo.

Eu não pretendo reavivar a chama
Que me manteve triste mais comigo.
Ao poetar, no entanto, não consigo
Levar amor àquele que mais ama.

Fico nervoso e quedo estarecido,
Perante a rima que componho tarda,
A refletir o mal por mim vivido;

E sei que muita dor por mim aguarda.
Por isso, eu peço a Deus dar por perdido
O elo da maldade que acovarda.

Poesia-lenitivo

Não sei como é que pode o caro médium
Experimentar a dor de cada verso,
Sabendo o sentimento mais perverso
Daquele que aproxima para o assédio.

Em pensamentos lúgubres imerso,
Espera o mensageiro, com seu tédio,
Mas vê, nesta poesia, bom remédio,
Porque faz parte, sim, deste universo.

Aí, repete o drama desta rima,
Estrilho feroz do desamor,
Dizendo a todos nós que nos estima,

Embora saiba bem que é sem vigor
Que damos por vencida esta hora opima
Em que nos esquecemos dessa dor.

Fogo que arde e se vê

Pobreza, bizarria e o mais que venha
Desafiar seu ânimo de mestre
Vai demonstrar o quanto sou terrestre,
Porque não há segredo p'ra esta senha.

Ao menos fosse o tema mais campestre,
Aí teria o amigo boa lenha,
Para queimar no fogo em que despenha
Do cemitério o sangue dum cipreste.

Versinhos de molambos cadavéricos,
Os sonhos se perfazem tão quiméricos
Que já não tenho força p'ra pedir

Que o nosso amigo queime esta poesia,
Como qualquer irmão aqui faria,
Se quem pedisse fosse o Wladimir.

Descorada mente

Pobretão, me apresento justo, agora,
P'ra trazer a palavra da alegria.
A sofrer, neste mundo, é que eu vivia
Mas, em paz, a minh'alma ainda chora.

Se vibrasse de amor, eu poderia
Dar mais cor ao poema que demora,
Como tinge o horizonte o sol da aurora,
Ao nascer, mui glorioso, a cada dia.

Mas meu verso há de dar ao bom amigo
Ideia do que faço no intervalo
Dos estudos das leis a que me obrigo,

Ao meditar na forma de orientá-lo,
P'ra que fuja do risco do perigo
De perder o seu tempo, em doce embalo.

Com naturalidade

Por isso é que retorço o pobre texto,
Querendo ver o tema natural,
Porque não vai ser bom, quando estou mal,
Embora disto esteja cheio o cesto.

Não devo aparentar-me ser normal,
Tampouco superior, como pretexto:
No burro, há de caber um bom cabresto;
Em mim, o termo é certo e coisa e tal...

Pareço estar perdido em minha rima?
Então, vai ser o efeito pretendido,
P'ra dar o *natural* que pus acima.

Alguém há de gostar, mas eu duvido
Que um dia o meu glosar aí se imprima,
Que o texto, como o autor, está perdido...

Sem sândalo nem mirra

Quisera empreender um nobre escrito,
Enchendo de perfume este ambiente,
Porém, qualquer poema que eu invente
Só deixa o meu leitor bem mais aflito.

Eu sei que este egoísmo segue em frente,
Por mais que dentro d'alma eu lance um grito.
Querendo rir alegre, eu mais me irritado
E ponho muito medo em toda a gente.

Que provas hoje eu tenho da impostura
Da frase que carrego para o verso,
Se não tornar a rima muito escura,

A ponto de dizer que sou perverso,
Porque nem meu espírito me atura
E nega que, no mal, esteja imerso?!...

Três por quatro

Eu não temo o repúdio pela frase
Que me descreve mau perante o povo:
Um dia, cá virei, a rir, de novo,
Talvez não tão ruim; por certo, quase...

Por isso, a recordar eu não me movo,
Porque não ter sossego nesta fase
Fará com que minh'alma mais se arrase.
É como diz a nuvem: — *Hoje eu chovo.*

Perdão, devo pedir a toda a gente
Que me acompanha triste junto à mesa,
Por ver neste soneto o equivalente

Ao sofrimento forte da vileza,
Que o coração, no fundo, muito sente,
Retrato mais fiel desta proeza.

Dois por dois

Não quero aproveitar-me, simplesmente,
Do fato que me traz junto a esta mesa.
Preciso que mais luz me seja acesa,
Porque não tenho força em minha mente.

Retrato mais fiel desta proeza,
Eu digo que não há ninguém que aguente
Ouvir, com a indulgência do escrevente,
Os textos que hoje trago, com tristeza.

Aos poucos, bem aos poucos, vão saindo
Os versos que componho a cada dia,
Porém, nada que importe ou seja lindo,

Porque meu sentimento de poesia
Me informa que o cantar esteja findo,
Bem antes de escrever a melodia.

Só desafio

Agora comecei outro soneto
Que devo vir ditar, sem sofrimento.
É dúvida o meu verso que acalento,
No aguardo de que o som não venha preto.

Aí, o resultado chega lento,
No fundo da consciência, e me arremeto,
Querendo dar as provas que, num gueto,
Passei tempo demais, mas não aguento.

Resumo da importância do meu tema
Se encontra no conjunto das poesias,
E eu peço ao coração que já não trema.

E tu que me contrastas que farias
P'ra divulgar da esfera o santo lema
Que, sem a caridade, entras em frias?!...

Desestimulada mente

Não posso perdoar-me a fantasia
De estar fazendo versos numa boa.
Se a frase, posta em trova, aqui ressoa,
Carece de rigor minha harmonia.

A rima pela rima não perdoa
Quem diz que aqui verseja e bem recria
A dor iluminada na alegria
De estar numa função não tão à-toa.

Hesito, muitas vezes, em dizer
Que penso serem água de barrela
Os pensamentos sem qualquer poder,

Pois trago murcha flor nesta lapela.
Não chega, ao menos, como só um dever,
Porque minh'alma aqui se desmazela.

Dezoito por vinte e quatro

As contas que hoje faço com meus dedos
Se compõem de um a dez, a cada verso.
Não quero que se julguem meus segredos,
Porque jamais escondo ser perverso.

Se contasse as estrelas do universo,
Teria de ficar nos arremedos
De quem se dedicou, incontroverso,
A compartilhar com todos os seus medos.

Assim, a minha trova está sem jeito,
Mas tenho de levá-la até seu fim,
Batendo no teclado e no meu peito,

Julgando que isto tudo está ruim,
Tumor que se incrustou sem ser aceito,
Retrato mais fiel que dei de mim.

Em rascunho

Não peça, caro amigo, outro versinho,
Que a conta deste dia completei.
Não quero repetir, perante a grei,
Embora tenha deles só carinho.

Trazer o verso pronto aqui é de lei,
P'ra que ninguém se perca no caminho.
Mas eu do tal perigo me avizinho,
Com tanto desamor que já causei.

Contrasta o meu pedido com a rima
Que, lesto, ponho em verso que se ultima
De acordo com o tom que desenvolvo.

Aí, chega um sabido que me intima
A dar ao meu soneto forma opima:
Tentáculos, somente, como em polvo.

Minha apoteose

Preciso deixar claro que não sei
Tornar a minha rima muito pura.
É sempre esta constante conjuntura
De achar que a forma nunca tenha lei.

Assim, cada versinho me assegura
Que venho aqui dizer que não sou rei.
Nem, entre os otomanos, eu sou bei:
Meu reino, quando muito, é a sepultura.

Mas tenho cá comigo esta certeza,
Lembrando o ensinamento de Jesus,
Que vir ditar a trova junto à mesa

Terá de demonstrar que existe luz,
Que deverá manter-se sempre acesa,
No coração da gente que produz.

Sob o trovejar

Não tem a tempestade sobre nós
Efeito que nos possa molestar.
Até que mais sentimos bem-estar,
Ao ver que os encarnados têm uns nós.

No aguardo da bonança que há de estar
Ao término da chuva, logo após
Sabermos nada haver que seja atroz,
Ficamos a escrever, neste seu lar.

Fizemos o soneto com luz clara,
Sabendo que, no escuro, ditaríamos,
Porquanto esta poesia se compara

Às luzes naturais que acenderíamos,
Se encarregados fôssemos, de cara,
Por algo bem melhor que comporíamos.

Simple mente

Não tenho a presunção da melhor rima
Nem quero que suspeitem de renome.
Pretendo, simplesmente, não ter fome,
Depois de vir provar que estou cá em cima.

A sensação de vida aqui não some,
Porém, toda existência legítima,
Porque nos faz sentir melhor a estima
De quem nos chama sempre pelo nome.

Gostoso é ser notado, desde logo,
Por quantos cá conosco se estimulam,
Ouvindo alguém dizer: — *Me desafogo*

Dos crimes que, na Terra, ainda pululam!
Com a verdade de Jesus, não jogo:
Esforços d'alma que os mortais calculam.

Em tempo

— *Não tenho tempo!* — há de dizer o amigo
Que põe, no tempo, seu prazer no mundo.
Mas o seu tempo há de calar, profundo,
Por quanto tempo aqui ficar comigo.

Não tenho tempo e sempre me confundo,
Com tanto tempo que eternal lobrigo.
Falta de tempo, a demonstrar perigo,
É perder tempo, um dia, vagabundo.

Eu venho sempre com pedidos d'alma,
Embora negue que me sinta ansioso,
Porque ensinaram p'ra manter a calma.

De que me adianta estar muito nervoso,
Se, com meu verso, eu não consigo a palma
E frustro até o meu mais nobre gozo?!...

Maliciosa mente

Dá p'ra entender os versos da poesia
Ou, simplesmente, vai levando a vida,
Determinado a só deixar a lida
Para outra hora em que melhor faria?

Quem não compreende que o dever convida
A melhorar-se um pouco, a cada dia,
Não vai sentir aqui muita alegria,
Porque a tarefa não se viu cumprida.

Há de chorar, então, com amargura.
Querendo retornar muito apressado,
Dizendo que por Deus é sua jura

De ao bem se dedicar desse outro lado.
Esquece-se, porém, que a sinecura,
Um dia, há de acabar em desagrado.

Conversinha fiada

— *Não posso prosseguir, por desatento* —,
Nos diz o nosso médium contrariado,
Porém, aqui chegou e está fadado
A vir tentar marcar mais outro tento.

— *Poesia de patrão* —, diz o empregado,
Porque não quer saber como é que invento
O texto com que a todos atormento,
Na hora de fazer algo de agrado.

— *Eu fico mais um pouco e veja lá*
Se traz algum proveito essa poesia,
A qual ninguém jamais publicará.

Se fosse só por isso, eu não faria
O verso em que soletro o bê-a-bá,
Retorta que não filtra essa harmonia.

Uma questão fabulosa

Eu tenho de aturar o pensamento
De que devo fazer mais um soneto,
Apenas p'ra manter sobre o coreto
A banda que ressoa, no momento.

O verso tem de ser como prometo
Ao moço que não quer mais me ver lento.
No entanto, a mesma rima eu não aguento
E o tom desta minh'aura fica preto.

Vou ter de descambar para o sorriso,
Embora esteja triste co'a poesia,
Porquanto o caro médium não tem siso,

Dizendo que jamais aqui viria,
P'ra pôr, no rabo meu, aquele guizo
Que avisa quando o gato já não mia.

A intenção

Pretendo vir falar de meu sucesso
No campos dos estudos da moral.
Quando cheguei da Terra estava mal
E agora já se nota algum progresso.

Porém, não quero ser original,
De forma que a calar também me apresso,
Dizendo tão somente que não meço
O texto que aqui dito a este mortal.

Vai ele pondo em ordem as ideias,
Compondo cada verso pelo ouvido,
Pois, tal como as abelhas nas colmeias,

Se orienta pelo tom de meu zumbido.
Se der a contextura das geleias,
Aí será perfeito o tal sentido.

A caracterização

Desprezo a bela forma e me arrependo,
Porque não posso dar algo de mim,
Querendo só chegar prestes ao fim,
Que é o verso que há de estar mais estupendo.

Do amor eu falaria, mas ruim
Seria o sentimento que estou tendo,
Porquanto desandar eu não pretendo,
Mantendo o meu humor tão mau assim.

Não tenho conteúdo que apresente
Ao bom leitor um vívido *frisson*,
Além do sentimento que é valente,

Por vir aqui enfrentar o duro som,
Rezando p'ra que a turma siga em frente,
Deixando para trás o rude tom.

O histórico

Por mim, ir devagar não traz vantagem,
Porque já tenho tudo no rascunho.
Apenas falta segurar no punho
Daquele que me serve na contagem.

Os versos que hoje trago fiz em junho:
É como quero ver como reagem
Os que fazem de mim tão boa imagem,
Pensando no improviso-testemunho.

Assim, fazer a trova vem primeiro,
No que concerne ao texto que passamos,
Que a poda das ideias que requeiro

Tem como diretriz deixar os ramos
Bem secos, p'ra que o povo quase inteiro
Desista de pensar onde é que erramos.

A emoção

Antigamente, eu vinha com tal medo
Que nunca dava certo o meu versinho,
Embora fosse cálido o carinho
Que o médium dedicava, desde cedo.

Agora, quase sempre eu adivinho
O ponto em que meu médium põe o dedo,
Querendo ou não querendo este arremedo
De estrofes que topei pelo caminho.

Desponta outro soneto e já preparo
A forma de levar ao bom amigo,
Deixando que o final não seja raro,

Porque, caso contrário, eu logo o intrigo,
Problema que não vai tornar-se claro,
Que o joio se confunde com o trigo.

A participação do médium

Os textos que hoje passo têm o dom
De me manter desperto p'ra poesia,
Não tanto no que consta da harmonia,
Bem mais na compreensão dum mundo bom.

Esta *obra-prima* aqui eu não traria,
Se não me desse o amigo o melhor som,
Porquanto esta virtude mostra o tom
Que devo conservar, com alegria.

Assim, vimos trazendo a tal receita
Que todos querem crer duma outra esfera,
Mas nosso sentimento aqui não deita

Senão a busca tosca que se espera
De quantos cá não têm a mente eleita,
Porque se regozijam co'a *paquera*.

A técnica

Os termos que disponho nos finais,
Às vezes, contrariam meu leitor,
Porque se espera seja bom compor
Com classes de palavras desiguais.

Nem sempre vou dizer um *sim-senhor!*,
Apenas porque alguns requerem mais.
Aí, vou apelar: — *Que reclamais,*
Ó vós que me acusais de criar dor?!

Estou tão simplesmente dando a dica
De que tudo se faz com preconceito.
Embora a minha rima seja rica,

Não vai ser bem aquela que respeito,
Porquanto ao melhor tema não se aplica
E dou por encerrado e dito e feito.

O pedido

Não quero enfastiar o meu leitor
Com textos de mui pouca inspiração,
Mas tenho de chamá-lo *meu irmão*,
Lembrando-lhe da lei do mais amor.

Bem sei que muitos hão de dizer *não*,
Por apelar em forma sem valor,
No entanto, quem se atreve a vir compor
Vai ter de constranger seu coração.

Perdoa, pois, amigo, a minha trova,
Dizendo a Jesus Cristo a melhor prece,
Da qual esta alma aqui muito carece,

Conforme o verso meu tão bem comprova;
E segue adiante em mãos da caridade,
Buscando algum soneto que lhe agrade.

Pós-redação

Estilo bem mais próximo do etéreo,
Não chego a fazer versos muito bons,
Conquanto aqui trabalhe com os sons
Que trouxe dês que vim do cemitério.

É claro que mantenho os mesmos tons
Das rimas que me dão mais refrigério.
É claro que p'ra mim o texto é sério:
Regalos eu não provo, nem bombons.

Mas dou certa nuance de alegria,
Sabendo que, no verso, encontro jeito
De tudo pôr em forma de poesia.

Após ter o meu *quantum* satisfeito,
Aí, vou ver que bem melhor faria,
Se desse ao meu soneto outro conceito.

A verdade seja dita

Escreve, ó mau poeta, pois desejas
Deixar cá registrada a tua história.
No fundo, queres mesmo alguma glória,
Se bem que progredir vejo que almejas.

Não tenhas nas palavras a vitória,
Que os pratos que sustentam as cerejas
Não querem ser tomados por bandejas:
P'ra uma só pepita tanta escória!...

Contenta-te com teres a te ouvir
O teu amigo médium, que bobeia;
E ninguém mais agora ou no porvir,

Embora outra pessoa também leia:
Impõe sua vontade o Wladimir,
Por mais que a rima tua esteja feia.

Pondo a modéstia de lado

Eu disse que não ia atormentar
E o mais que faço é pôr no fogo o amigo,
Que vem p'ra trabalhar em paz comigo
E tem de me aturar, p'ra seu azar.

Por vir fazer o verso ao modo antigo,
Não quero que lhe falte este bom ar
E dou-lhe o meu soneto regular,
Em troca do agasalho em que me abrigo.

Mas, sem causar problemas, eu não fico,
Porquanto causa inveja a muita gente
O fato deste verso ser mais rico

Do que muita poesia que se invente,
Estando a inteligência lá no pico
E o coração sangrando, por descrente.

Esforçada mente

Inutilmente, eu clamo por mais um
E o meu soldado diz que não tem balas.
Insisto e ele me diz: — *Se não te calas*
Não pego o verso d'hoje e mais nenhum.

Que resta então senão fazer as malas,
Deixando em seu ouvido só um zunzum?!
Mas de repente um tombo, *catabrum!*:
Eis que as rimas caem, corpos nas valas.

Percorro toda a trova e mais um pouco,
Tentando ver mais luz, próximo ao fim.
No entanto, o som que ponho sai mais rouco.

O meu amigo até vai rir de mim,
Dizendo-me que estou ficando louco,
Por insistir em verso tão chinfrim.

Rápida mente

Mais um minuto amigo e vou embora:
Não quero a minha quota perturbada.
Assim, até parece não ser nada
O verso que hoje eu faço, sem demora.

Em dez minutos dou por terminada
A trova, pela qual o médium chora,
Que a lei do melhor tema não vigora,
Se corro só em carreira desastrada.

No entanto, é bem melhor fazer o verso,
Embora soe ao mundo mais perverso
Este ser, que se atrela ao cemitério.

Quejando sofrimento é o que se aguarda,
Quando a transformação moral já tarda
E o *cara* está mui perto do mistério.

A coerção do mal

Estou filosofando um pouco mais,
Que a vida não é feita só de flores,
Porque, quando nos faltam os amores,
Nós temos de pastar como animais.

Senti, como encarnado, muitas dores,
Porque não quis amar ninguém, jamais.
Por ter sido adotado por maus pais,
Assimilei em mim os seus valores.

Não devo criticar ninguém no mundo,
Pois todos têm consciência do que fazem.
Um dia, o despertar vem lá do fundo

E os crimes praticados não comprazem,
Gerando a compreensão de estar imundo
O coração, pois preces nunca trazem.

Importância do amor-próprio

Eu desejava dispensar o verso,
Por bem saber que este chorar vicia.
Quisera aqui deixar, em alegria,
O pensamento n'alma mais imerso.

Mas tenho de cumprir, nesta poesia,
O prisma de que o bem é incontroverso,
Que abrange os seres todos do Universo,
Embora sinta n'alma nostalgia.

É ponto capital deixar escrito
Que o amor do Pai por nós vem do Infinito,
Que não termina nunca na existência,

O que nos vai levar a concluir
Que existe algum momento, no porvir,
Em que terei por mim bem mais clemência.

Respeitando o médium

Não quero que meu médium sacrifique
O bom convívio com a cara esposa,
Por isso vou pedir que aqui não fique
Além do necessário, porquanto ousa

Vir apanhar o verso, nesta lousa,
Mantendo o seu compasso neste pique,
Porque não pensa aqui numa outra cousa,
Além da melhor rima, rica e chique.

Por isso, desviei-me do caminho,
Pois demonstrar tristezas aborrece
E vai deixando o amigo mais sozinho,

Para dizer ao Pai a melhor prece,
Enchendo o coração de bom carinho,
Enquanto do soneto já se esquece.

Resumida mente

A turma, quando está sem bom assunto,
Põe o médium no verso e desafoga.
Por isso, este meu tema, muito em voga,
É próprio p'ra embalar qualquer defunto.

Porém, quem chega aqui só monologa,
Porque não há quem queira chegar junto.
Por mais que dê trabalho a seu bestunto,
No ralo, todo o tempo o tonto joga.

Então, quer consertar o desarranjo
E pensa nos ensinamentos de Jesus,
Dizendo: — *Disso aí, um pouco, eu manjo!* —,

Querendo iluminar com sua luz,
Como perfeito fora, quanto um anjo,
Mas seu saber a um verso só reduz.

Conselho auto-aplicável

Faça o bem ao seu alcance,
Sem deixar para depois:
Encontraremos nós dois
Somente a paz, num relance.

Este meu conselho, pois,
Não deixará que descanse,
Sem que o compromisso avance,
Quem veio puxado a bois.

Faça o bem sem ver a quem,
Segundo o costume antigo,
Pois quem não dá fica sem.

Mas conte sempre comigo,
Se não ajudar ninguém,
Que eu corro o mesmo perigo.

Diminuta mente

Deixei o verso das dez:
Estou apenas co'as sete.
Esta trova se intromete,
Sem trocar as mãos por pés.

Posso jogar meu confete
Ou fazer meus cafunés,
Sem perturbar; ao invés,
O picolé não derrete.

A brevidade do tema
Torna a poesia mais densa,
Embora o coração trema.

Mas a rima já compensa,
Pois a verdade suprema
É que a alegria é imensa.

Sem poesia

Não estou p'ra brincadeira,
Pois minha trova é mui séria.
Contasse cá só pilhéria,
Iam puxar-me a cadeira.

Mas confirmo que haja léria,
Na alegria que se queira,
Pois me sinto uma caveira,
Contando aqui sua féria.

Como pedir ao leitor
Que me atenda com amor,
Se componho sem poesia?...

No máximo, a minha trova
Vem à luz e aqui comprova
Porque fiquei numa fria.

Lembrando Pessoa

O tamanho deste verso
Não se mede com a trena:
A opinião mais amena
Vai dizer que está perverso.

Eis que a rima logo acena
Que o coração vai imerso
Na escuridão do Universo,
Pois nada aqui vale a pena.

A afirmação não desdigo,
Nem direita ou esquerdamente,
Só vou deixar ao amigo

Perceber como se sente
Quem enfrenta este perigo
De pôr a perder o crente.

Se não fosse o médium...

Peço que esteja desperto
Quem se atreveu a vir ler,
Não por força dum dever,
Mas trazendo o peito aberto.

Vai ver quão pouco poder
De fazer o som dar certo
Tem este amigo, Adalberto,
Porque não soube viver.

Agora sofro co'a rima
E não tenho outro remédio,
Como se viu mais acima,

Senão pedir ao bom médium
Que a imperfeição cá suprima
Das falhas do meu assédio.

Laborterapia

Agora que tomei gosto
Pelos versos que montei,
Eu vejo quanto eu erre
Por tardar a vir ao posto.

Nestas rimas, não sou rei,
Mas não me causam desgosto,
Porquanto deixei composto
O tema, como é de lei.

Ao cumprir a obrigação,
Vou mostrar que, ao dizer *não*,
Toda pessoa se engana.

Basta um pensamento firme,
P'ra que não venha impedir-me
Minh'alma tão desumana.

A título de repreensão

A poesia há de ficar
A ver, de longe, os navios,
Embora acenda uns pavios,
Para dar luz a este lar.

Ao andar nos meios-fios,
A gente arrisca a tombar.
Como não vim p'ra brincar,
Vou mexer com os teus brios.

Cumpriste tu teu dever
De emérito cidadão,
Ou deixaste para ver

Como as coisas se darão,
Quanto a dar teu bem-querer,
Dizendo *não*, sempre *não*?!...

Com o jogo ganho

Caso maldigas o verso
— Repetição enfadonha
De querer dar-te vergonha
Por vê-lo assim tão perverso —,

Não me peças que componha
Louvores para o Universo,
Já que estás bem fundo imerso
Nessa consciência medonha.

Ao invés, se te comprazes
Com tua desenvoltura,
Por já teres feito as pazes

Com quem o teu jeito atura,
Tens nas mãos todos os ases:
Podes deixar a leitura.

Previsível mente

Vou modificar a escrita;
Vou compor por outra métrica.
A anterior esteve tétrica:
Nenhuma rima é bonita.

Mas a ligação elétrica
Com o médium se conflita:
Fica a mente mais aflita,
Se a trova sai geométrica.

Ao vencer o desafio
Da rima bem mais estranha,
Diz o médium: — *Já confio*

*Que o poeta não patranha;
Que a água corre p'ro rio,
Ao descer lá da montanha.*

Conscienciosa mente

Vou deixar o médium triste,
Porque versejo sem rumo:
Esta trova é vil resumo
Do pior que tu já viste.

Com tais rimas, não me aprumo,
Mas ponho o meu dedo em riste,
Porque sei que o verso existe
P'ra que se extraia algum sumo.

Vou, então, recomendar
Que o bom leitor fique alegre,
No recesso do seu lar,

Esperando que se regre
O verso que eu vou ditar
Por um bem que nos integre.

De p'ra e de para

Sendo assim, não trago a paz,
Pois o amigo sofre à beça;
Nada, contudo, que o impeça
De julgar que se compraz.

Vou dizer que a rima, essa
Vai torná-lo mais capaz
De volver a um tempo atrás,
P'ra que a fórmula bem meça

Vai ver, então, que há progresso,
Sendo, embora, o tema atroz:
Quebrou-se o verso, eu engesso,

P'ra que ressoe minha voz,
Sem a qual não há sucesso
Para qualquer um de nós.

Intramuros

Suspeita o caro escrevente
De que está em mãos covardes.
Darei, então, que me aguardes,
Na trova em que não se mente.

— *Passarão diversas tardes* —,
Hás de pensar, certamente,
Nas delícias do poente,
Pois de paixão já não ardes.

Descalço, co'os pés na grama,
Vais sentir muito conforto,
Que a paz, nas almas, derrama

Sagrada visão do porto
Em que cessa todo o drama
De receber este morto.

Criatura criadora

Senhor, venho pedir vosso perdão,
Porque não hei cumprido o meu dever.
Depois de alguns conselhos receber,
É que entendi, de fato, esta lição.

Sinto, no coração, o bem-querer,
Ao qual jamais devia dizer *não*,
Compreendendo-vos desde a criação,
Pois só vós possuís tanto poder.

Senhor, criastes tudo no universo
E vosso reino é puro como a flor;
E eu peno p'ra fazer tão só este verso,

Enovelado n'arte de compor,
Desejando esconder o que é perverso,
P'ra demonstrar um pouco só de amor.

Presciência do sentimento

A dura realidade desta trova
Revela, exatamente, como estou:
Queria vir brilhar, astro num *show*,
Mas antes devo erguer-me desta cova.

Aí, irão pensar: "*Esse endoidou,
Conforme o verso acima bem comprova.*"
Mas eu faço de conta seja nova
A rima que o quarteto coroou.

Queria festejar tal alegria,
Ao ver o meu soneto concluído,
Porém, não compreendi que, p'ra poesia,

Os sentimento deve ser vivido;
Portanto, vou mostrar que aqui sofria
Quem veio cochichar no teu ouvido.

Conversa imaginária

Pareço estar contente por agora,
Porque faço o meu verso sem problema.
Difícil é compor sem que se tema
Burlar a lei da trova, e sem demora.

O médium pede sempre que não gema
O amigo que, no etéreo, pobre, chora,
Porquanto a rima mais e mais descora,
Por mais feliz que seja o estrategema.

— *Que mais, ó bom amigo, te interessa?* —,
Pergunto já com medo das respostas.
— *Eu folgo quando a rima vem com pressa,*

Porque menos me pesa em minhas costas.
Então, penso comigo: “*Seja essa*
A tua distração, porque tu gostas”.

De barcos e de trovas

Falei do médium quando pretendia
Dirigir-me ao querido e bom leitor,
Que a lição sugerida é de supor
Que aproveite a quem goste de poesia.

Esta luz, que acendi com tanto amor,
Haverá de conter um *todavia*,
Porquanto qualquer um melhor faria,
Já que o meu verso é muito inferior.

Mas como quem escreve aqui sou eu
E tão cedo não deixo este lugar,
Contenta-te com esta luz de breu,

Que serve p’ra teu nervo estimular,
Porquanto o meu vigor já feneceu
Mas sigo navegando, em pleno mar.

Poesia e amor

Teria o meu amigo tal paciência
De aqui seguir comigo na poesia,
Ou julga cada trova uma agonia,
Difícil de aceitar, pela frequência?

Eu temo toda vez que chega o dia
De demonstrar que estou, sem violência,
A ponto de formar, pela ingerência,
O verso que melhor qualquer faria.

Mas tenho de cumprir com meu dever,
Deixando registrada a minha rima,
Assinalando ao povo o bem-querer

Que vai estimular a sua estima,
De forma que o soneto irá valer
P'ra melhorar do amor o doce clima.

Sem hipocrisia

Quisera prosseguir sem falcaturia,
Levando a seriedade até o final,
Mas como hei de romper com tanto mal,
Pois só em pensar no bem o gajo sua?!...

O fim, então, será sensacional,
Porque demonstrará que a gente atua,
Embora fique cada qual na sua,
No aguardo que se abra um bom canal.

Aí hei de chegar, co' o médium junto,
Fazendo assinalar meu sentimento,
Que é como o tema aqui melhor assunto.

Mas penso que a emoção eu sempre aumento,
Quando desprezo as falhas do bestunto,
Que assim é que a modéstia eu alimento.

Restrições da alma

Desconfiai, irmãos, deste poeta,
Que vem falar de si a cada rima,
Porque, ao tratar dos outros, desanima,
Porquanto o coração não mais se aquieta.

Quereis achar nos versos obra-prima,
Mas o que faço agora não completa
A simples comoção d'alma de esteta,
Por mais que seja simples a vindima.

Tendo Jesus exposto aos bons judeus,
Por eles foi julgado e perseguido;
Assim, vou complicando os temas meus,

Dispondo os termos sem qualquer sentido,
Pedindo auxílio aos meus irmãos em Deus,
Pois vós eu sei que ides dar-me ouvido.

O pensar emocionado

Não faço contas com meus versos feitos,
Mas acrescento um pouco, a cada dia.
Vou despertar em mim a melodia,
Até que sejam eles bem aceitos.

Não poderei dizer que alguém faria
Melhor, porque vão sendo satisfeitos
Os testes dos provavelmente eleitos,
Por encerrarem normas da poesia.

Ao preocupar-me muito com o verso,
Deixo de lado o tema do evangelho,
Tornando tudo muito mais perverso.

Eu ponho fogo e meu churrasco grelho,
Enquanto sigo em meu cismar imerso
E o ensino queima espírito tão velho.

O desprezo

Sem se atrever a errar, o nosso médium
Se vê às voltas com meus versos tortos.
Mas suspeitando já que chegam mortos,
Porque, p'ra remendar, não tem remédio.

Não constam para nós simples abortos,
Que as trovas se completam pelo assédio
Com que se logra dar um fim ao tédio,
Pois nossas naves chegam a seus portos.

É pena que tenhamos de inventar
Os textos já na hora do ditado,
Dando a impressão de estarmos num bazar,

No qual deixamos só, posto de lado,
Um santo a pretender o bom altar,
Enquanto este macaco é convidado.

Expectação

Não quero desfazer a estrofe acima,
Porquanto o que mais faço é vil momice,
Contudo, o caro médium me predisse
Como seria feia a minha rima.

Mas o que eu mais desejo é que se atice,
No coração do amigo, a sua estima,
Ao ver que a trova minha já não prima,
Porque se satisfaz com ser só vice.

Vão perdoar-me a mim a brincadeira,
Pois tal virtude impera em toda a parte,
Conquanto um melhor verso se requeira

De quem se esmera em aprender est'arte,
Mas, sendo a trova por demais ligeira,
O bom leitor conosco o amor comparte.

Descrição de mim

Despreendi-me dos laços corporais
E vim cair de rojo neste Umbral.
Não que eu tivesse sido muito mau:
Porque podia aí ter feito mais.

Na boca, trago o gosto ruim do sal;
No coração carrego tão banais
Aspirações, que vós não suspeitais
Conter quem conseguiu este local.

O amparo que hoje tenho vem dos mestres,
Que sempre me estimulam com amor,
P'ra que abandone os dons vis dos terrestres,

Nos sonetos que devo aqui dispor,
Esquecendo que dei o tal mergulho,
Sem buscar reacender o meu orgulho.

Complemento da descrição

Caprichei quanto pude em cada linha;
Fiz o verso melhor que soube a mim:
Resultou um pasticho tão ruim,
Parecido co'a cara que era minha.

Tanta luta p'ra um tema mau, chinfrim,
Pouca gente a ditá-lo se avizinha:
Quem é bom já não lê e me acarinha,
Por achar que seria mesmo assim.

Revoltar-me eu não quero: tal absurdo
Não me iria fazer nada feliz.
Em paz, a minha rima hoje aqui urdo,

Com a lâ que na Terra jamais quis.
Se, na lama dos males, me chafurdo,
Vou cumprindo das leis a diretriz.

Auto-avaliação

Ó meu Pai, como estou tão desastrado,
Escrevendo esta trova muito à-toa.
Que fazer p'ra torná-la bela e boa,
Pois aqui não fui posto mais de lado?

No centro da atenção, meu ser destoa
E vejo que, no verso, eu desagrado.
Porém, vou fabricando, a meu malgrado,
O texto, p'ra provar que o amor perdoa.

Antigo é o meu dilema de após morte,
Que a fé desatinei, desde mui cedo,
Mas faço que o rancor cá se comporte,

Porque nada é pior que ser azedo,
Quando se quer mostrar qual é a sorte
De quem tornou a vida um arremedo.

O espírito enquadrado

Carrego hoje comigo um peso enorme,
Produto de falaz e vil cobiça.
Por isso é que o meu verso mais enguiça,
Mostrando que este espírito não dorme.

A rima brilha esplêndida e não viça
A trova, que se veste de uniforme.
Por isso, vou dizer que estou conforme
Co'a miséria do texto desta liça.

Pretendo melhorar a cada dia,
Porquanto o bom rigor agora obriga
A obedecer as regras da poesia.

A disciplina dita a tal cantiga,
Que não era o que o gajo aqui queria,
Contudo, o rude estilo se castiga.

Sou responsável

Não quero atrapalhar-me co'a doutrina,
Por isso é que me esforço noite e dia:
O que venho dispor, nesta poesia,
Apenas na vontade se origina.

Perguntou-me o escrevente se eu queria
Que ajudasse na escolha peregrina
Da rima que o saber não discrimina,
Sem ferir os critérios da harmonia.

Rejeitei, porque penso que o meu verso,
Bem longe de enquadrar-se entre os melhores,
Também não vai sair muito perverso.

Eu mesmo, um dia, fiz muito piores,
No orgulho e na vaidade estando imerso,
Pecados que hoje vejo bem maiores.

Sem carícias

Confirmo a minha rima, mesmo assim
Capenga, desprovida de valor.
Minh'alma me acompanha aonde eu for;
Então, sempre serei igual a mim.

Estou a provocar meu benfeitor,
Fazendo de propósito ruim,
Apenas p'ra mostrar porque é que vim,
Hipócrita, modesto, multicolor.

Renego a falsidade de compor,
Querendo aqui dizer de minha jura
De tudo proceder em pleno amor.

Porém, meu sentimento mais procura
Mostrar que o coração sente pavor
Da vida que passei sem formosura.

O de que necessito

— *Enrosque vitupério a compadrio* —,
É frase que não tem qualquer sentido.
Alguém pode assuntar mas eu duvido
Que alcance convencer-me: desafio.

Enrosque vai servir, pois meu ouvido
Me induz a compreender que tenho brio,
Enquanto *vitupério* é calafrio
Que passa pela espinha, dolorido.

Compadrio há de ser melhor aceito,
Se apelar para o amor entre os irmãos:
Perdoar é sinal que foi eleito,

Não por mim mas por anjos guardiãos.
Sobre leito de louros eu não deito:
Necessito, isto sim, de suas mãos.

Canja ao escrevente

Convenceu-me o meu médium ser possível
Ajudar-me na trova, com propor
Solução que me venha, sem favor,
Melhorar um pouquinho este meu nível.

Percebi que este verso causa dor,
Por trazer um conceito inconcebível:
O seu bojo de amor está sofrível,
Sem que eu peça perdão ao meu Senhor.

Devagar, cá desejo transmitir,
Linha a linha, o estupor de meu semblante,
Sem murchar esse pobre Wladimir,

Pois, ao ver o seu nome, me garante
Que iremos conversar lá no porvir,
P'ra entender o que vai de mim distante.

O abrigo mediúnico

Voltei para o trabalho da poesia,
Pois quero aqui deixar o meu abraço
A todos que não sentem embaraço,
Por ter-me mais um pouco a cada dia.

Perdoem se algum erro sempre faço,
No trato tão banal da melodia.
É que nem sempre alcanço o que eu queria,
Na hora em que arremesso o pobre laço.

No entanto, hei de chegar ao fim da trova,
Porque tenho por mim um bom amigo
Que o som que trago nunca desaprova;

Nem briga, quando a repetir obrigo
A rima que jamais lhe chega nova,
Sinal que aqui não correrei perigo.

Solapando o soneto

Queria era escrever simples oitava,
Co'os temas repetidos desta equipe,
Porque nos atacou a mesma gripe,
Que mostra que o poeta só espirrava.

Mas tenho de enjeitar doce acepipe,
Porque, com tanta fúria, não contava:
Se é fácil ver o cisco e não a trava,
Aí complica mais qualquer que ripe.

Se acima posso ver aquela estrofe,
Sexteto hei de fazer nestas restantes,
Enquanto o meu amigo cospe o bofe,

Pois rir não há de rir nestes instantes.
E assim vou esperar que o verso mofe,
Tossindo e resmungando mais que antes.

Para colher no futuro

Destravo esta represa e deixo vir,
Em ondas, a perversa inspiração,
Contente por saber que o teu perdão
Irei cá receber, ó Vladimir.

Não quero ouvir jamais um simples *não*,
Porquanto estás pensando no porvir;
Porém, desejo apenas descobrir
Aquilo que os leitores pensarão.

Durante a evolução de cada ser,
Existem bons momentos para a graça.
Por que não poderia reviver

Mais tarde esta emoção que por mim passa,
Sabendo que terei bem mais poder,
Se agora sorvo as fezes desta taça?!...

Piedosa mentira

Jesus iluminou o meu caminho
E o fez com tanta luz, tanta virtude,
Que agora eu me pergunto como pude
Negar a quem me amava o meu carinho.

Assim, não posso ter outra atitude
Do que cá revelar que me avizinho
De pôr os ovos neste feio ninho,
Nas ânsias de que o bem minh'alma mude.

Qualquer que seja o verso que apresente
Irá mostrar ao mundo o que hoje sinto,
Porquanto o meu pendor de impenitente

Me leva a percorrer tal labirinto,
Sem encontrar saída, embora tente
Disfarçar o pavor: é assim que minto.

Dando voz à consciência

Devera pôr em verso melhor tema,
Para animar o amigo que me ajuda,
Mas, antes, digo a mim que o ser não muda,
Enquanto mantiver o estratagema.

Minha consciência grita aqui: — *Caluda!*
Não vás acrescentar outro problema
A tantos que já fazem com que trema
A alma que não sabe quem lhe acuda.

Tu sabes muito bem a quem fizeste
O mal que te sufoca o coração,
Por isso é que imaginas que haja peste

Prostrando com tal dor a multidão.
Contudo, o fato límpido, inconteste,
É que só caridade é salvação.

Esquecimento

Por isso, vou parando por aqui,
Que a transmissão se encontra por um fio:
Se desta linha um pouco só desvio,
Vão duvidar de tudo o que escrevi.

Fazer um verso simples desconfio
Que seja só a ilusão que sinto em ti,
De ver quanta verdade existe ali,
No seio deste amor de compadrio.

Agora que já chega o fim da trova,
Pretendo exorbitar o sentimento
Que sufoquei, metido em funda cova.

Usando e abusando, hoje argumento
Que devo progredir, pois se renova
O prisma dos meus males, sem *memento*.

O temor

As coisas que hoje tenho p'ra contar
Não hão de oferecer qualquer cuidado:
Devera aqui escrever por meu agrado,
Mas temo perturbar o bom lugar.

Louvores não requeiro, que arrecado
O ensino que o meu mestre dá, sem par,
Por isso é que disponho de exemplar
Modéstia, quanto ao dom de vir calado.

Eu sei que o contraponto deste intento
Está na perfeição de cada verso,
Porque, para escrever, a rima invento,

Querendo que não seja este universo
Um ponto que se apaga num momento,
Um nada de bondade dum converso.

Perante o elogio

Aos poucos, bem aos poucos, me apresento
E faço as minhas rimas com proveito.
Se me disserem: — *Ótimas!* —, aceito,
Mas devo refletir sobre o talento.

Aí, vou obrigar-me a ter mais jeito,
Porque me sinto ainda turbulento,
Quanto a marcar tão simples elemento
Pela linguagem dum vibrar perfeito.

Comprimo a trova p'ra que tudo acerte,
Resfolegando muito a cada linha,
Bem temeroso que o meu médium enxerte

Um pensamento que razão não tinha
De combinar co' o sentimento inerte
Desta pacata solidão que é minha.

Extrema união

Se agora venho temeroso e quedo
Envergonhado e triste pela rima,
Estou seguro de que tenho a estima
De algum soturno e distraído aedo.

Quando acumulo, como fiz acima,
Simples palavras, o meu texto vedo,
Porquanto sei que, nesse caso, enredo
Alguém que por ser áspero não prima.

Se sou levado a pôr em cada trova
Um pouco de minh'alma compungida,
É certo que abrirei a velha cova

Que guarda os restos da carcassa unvida
Nos óleos santos com que o povo prova
Que a ser melhor o Criador convida.

A travessura

— *É um despautério* — há de exclaimar o amigo —
Esta mistura estranha de doutrina!
Mas não é isto o que Jesus ensina
Quando me põe ao pé do seu abrigo?

Quem pensa em si jamais co' o bem atina,
Sempre dizendo: — *Não será comigo*
Que quis Jesus andar, pois não lobrigo
Em mim qualquer virtude peregrina.

Mas não sufoco a cisma, antes padeço,
Enovelado e sério no problema,
Querendo ver as coisas pelo avesso.

Por isso, desenvolvo agora o tema,
Como um menino bom, algo travesso,
Rimando algumas frases no poema.

Natura non facit saltus

Preteja este horizonte do meu verso,
Que a rima trago fraca e empobrecida.
Se aqui contasse a história duma vida,
O conteúdo iria ser perverso.

Por que mereço, então, cumprir a lida,
Em pensamentos lúgubres imerso?
Por ocupar um canto do Universo,
Que o canto desta dor também convida.

Quem parte do princípio da ignorância
E faz alguma coisa, neste ramo,
Talvez sufoque o mal, mas sem ganância,

Que é como esta lição aqui derramo,
Não dando ao coração mais importância,
Porque do resultado não reclamo.

O valor intrínseco

O pensamento é fútil mas é meu,
Para cumprir princípio desta classe:
Mesmo que o gajo aqui mui se embarace,
Vai ter de examinar p'ra que é que deu.

É claro que, ao ditar, já teve o *passe*
Do mestre, que o rascunho repreendeu,
Porém, como esta safra se perdeu,
Qualquer coisa que escreva mostra a face.

Eu venho incomodar quem está quieto,
Apenas a serviço do outro lado,
O qual jamais afirma: — *Agora eu veto*

O texto que vier descontrolado.
Assim, encontro abrigo sob o teto
De alguém que só pretende ser amado.

Séria brincadeira

Na esteira do meu barco, seguem muitos
Que não mantêm na rima um simples som,
Contudo, quando um *sem* se torna *com*,
Podemos dissertar nossos assuntos.

Pretendo conservar o melhor tom,
P'ra dar aos meus sonetos, todos juntos,
A ideia de que somos bons defuntos,
Posto esteja nossa aura já marrom.

Eu sei que só componho verso feio,
A repetir a rima doutros grupos,
As quais me dão enjoo quando as leio.

Sabendo de antemão quantos apupos
Receberei do povo, titubeio,
Mas, se esses termos eu não tenho, chupo-os.

Ardor desmedido

Peço perdão ao médium que me serve,
Por tanta pretensão do mau poeta,
Porém, há de entender qual seja a meta
De quem não tem talento, sal ou verve.

É duro quando alguém, burro, encasqueta
Que nada há de fazer com que se enerve,
Apenas porque existe quem reserve
O coração, que amor tão logo aquieta.

Assim é que evoluo, simplesmente,
Aproveitando a cisma de quem ama,
Porque não há ninguém que o tranco aguente,

Estando a mata toda uma só chama:
Se as chuvas são as lágrimas da gente,
Vai apagar-se o fogo do meu drama.

Convite

Eu trago, livremente, estes conceitos
E peço ao bom leitor mos reanime,
Tornando o sentimento mais sublime,
Conquanto os versos sejam imperfeitos.

Não tenho a veleidade que redime,
Ao transformar ideias em preceitos:
Depois que os temas ficam satisfeitos,
Convido que o leitor jogue no time.

Assim é que destroço esta vaidade,
Sentindo que algo bom resta comigo,
Porquanto o teu calor minh'alma invade,

Nas horas em que enfrento o tal perigo
De transtornar o texto que hoje há de
Me facultar um doce e bom abrigo.

Tortuosa estrada

Não posso contrariar o que as pessoas
Esperam ser o bem maior p'ra elas.
Espero, simplesmente, que mais belas
As rimas se componham, úteis, boas.

Quanto a ti, recomendo, quando gelas,
Ficar a nos servir, pois não caças
Dos trastes mediúnicos das loas
Que vimos transmitir, à luz de velas.

Estúpido, boçal seria eu
Se não soubesse o quanto desafino,
À vista do soneto que se deu,

No impulso da repulsa em desatino,
Já sem vela, no escuro deste breu,
Recurso, para mim, do descortino.

Sem hipocrisia?

Não quero compromisso com a rima
Que esteja apenas lá no dicionário.
Também não quero o termo extraordinário,
Porque não vim ditar uma obra-prima.

Tivesse de aceitar um bom salário,
Iria estimular a vossa estima,
Porém, não vou dizer que o verso mima
Alguém que mais não é que salafrário.

O pente que organiza o meu cabelo
Perdeu-se já nas brumas do passado,
Porque no espelho não consigo vê-lo,

Careca que hoje estou, cá deste lado:
As vísceras exponho co'o escalpelo
Dos versos com que nunca mais me agrado.

Com sinceridade?

Estremeci co'o verso derradeiro:
Mentira vir dizer que tenho nojo.
O que me falta, sim, é mais arrojo,
Para enfrentar os temas que requeiro.

Eu sei que sempre ficam lá no bojo
Os sentimentos pobres, por inteiro,
Mas como usar um termo como *cheiro*
Para exprimir o aroma deste estojo?!...

Assim, eu faço os versos por fazer,
Comprometido apenas com a rima,
Pondo o compasso certo, que é dever

Utilizar, nos cantos, boa lima:
O pensamento sóbrio do poder,
Para aparar arestas, como acima.

A verdade subjetiva

Estando no limite do improvável,
Eu venho contrapor ao verso rude
Um pouco de conforto da virtude
De ter um coração doce e saudável.

Espero que o conceito agora mude,
Porquanto a trova fica mais amável,
Sem grande descortino, mas rentável,
No tratamento justo da atitude.

Considerando apenas o meu verso,
Não há que fazer troça do universo,
Pois tantas são as trovas cá do etéreo

Que portam, no seu bojo, bons ensinamentos,
Lições que se transformam nestes hinos
Capazes de acabar com os mistérios.

A labuta

Temendo vir a ser obstruído,
Eu corro pelas linhas destes versos,
Pois muitos que hoje sei estão dispersos
Perderam-se ao dizer alguém: — *Duvido!*

Assim sendo, os que em preces vão imersos
Sustentam o que vem p'ra ser ouvido.
E quanto mais co'a vibração eu lido,
Menores são as chances de perversos.

Após assinalar da turma a marca,
Pretendo vir dizer de minhas dores,
Porque minha memória só abarca

Reflexos dumas vidas inferiores,
Porquanto o esquecimento só não arca
Com as benesses próprias dos amores.

A restrição

Tivesse muito tempo p'ra cantar,
Algo poria belo nesta linha,
Mas como tudo tem de ser asinha
Não posso pôr meu santo neste altar.

E qual seria a trova que continha
O meu melhor conceito p'ra rimar,
Porquanto cada verso tem seu par
E sou aquele autor que o tema alinha?

Não tenho, na verdade, um tal pendor,
Para deixar, no texto, essa virtude,
Pois, para mim, é duro de compor

E, ao mesmo tempo, dar que a fala mude
O que estiver falhando no leitor,
Para contar de vez co'a mansuetude.

A característica

Desprezo pela rima é tão comum,
Na fase dos contrastes da doutrina,
Que vemos quando o mal nos discrimina,
Por ser tão asqueroso este bodum.

É duro quando o tema me examina,
Quando eu queria ser quase nenhum,
Mas ouço, quando escrevo, o tal zunzum
Que causo pelo tom que me fascina.

Desejo pôr ensino em cada trova,
Mas amontoo os versos sem critério
E nada neste plano se renova.

Assim, conservo, desde o cemitério,
O mesmo vestuário que comprova
Que sigo, mesmo aqui, dentro ao mistério.

A realização

Perdido para o dito inteligente,
Medito no ditado, sem pudor,
E faço tremular, seja onde for,
O pavilhão da fé deste indigente.

É pura confiança vir compor,
Sabendo que ninguém haja que aguente
O trato tão minguado desta gente,
Que roga por perdão do seu leitor.

Os círculos se fecham sobre mim,
Porque não digo nada nestas rimas,
Enquanto a trova faço bem ruim,

Pondo os cinzéis de lado e bem as limas,
Querendo só chegar a um dado fim,
Que me foi dado, sim, nas obras-primas.

O problema

Como chegar ao mundo dos terrestres
E divulgar tal trova tão mesquinha,
Dizendo vir fazê-la assim asinha,
Mas destruindo o bom rigor dos mestres?!...

É cansativo e a dor mais se avizinha,
Porque caminham tontos os pedestres,
Que gozam dos direitos dos silvestres,
Mas que se põem soldados nesta linha.

Por isso é que carecem de sentido
Os versos que se dão sem sentimento,
E o meu cismar se torna comovido,

Porque não ser melhor é o que lamento,
P'ra poetar sem ter de ouvir: — *Duvido*
Que esteja breve a cura do tormento!

A certeza

Do jeito que hoje faço este poema,
Não vou parar tão cedo, inda que doam,
Sensíveis, os ouvidos da pessoa
Que sabe como é fácil ler o *sema*.

Deixei passar incólume, na boa,
Uma palavra inútil para o tema,
Mas penso não haver qualquer problema,
Sabendo de antemão que ele perdoa.

Sorri o meu amigo por ver perto
O fim tão esperado da poesia.
Talvez prefira o sol de mau deserto,

Que, além de luz, é fogo e não se esfria,
Mas, no meu verso, quando vem inserto,
É certo que a tensão sempre alivia.

Misturada

Eu venho, como vinha antigamente,
Ansioso por mostrar que ainda existo,
Mas tenho de dizer que, como isto,
Jamais fiz qualquer coisa, em sua frente.

Seja você o amigo mais benquisto,
Seja somente alguém indiferente,
Eu tenho um recadinho de carente,
Que deve, muita vez, ter sido visto.

Preste atenção, colega, ao meu aviso
E ponha de *butuca* o seu bestunto,
Que eu sei que vai fugir enquanto friso

A regra mais enérgica do assunto:
Quem queira progredir, com muito siso,
Precisa ser perfeito: um bom defunto...

A interlocução.

— *Como é que vou lograr tal perfeição?* —,
Vai perguntar quem tenha algum juízo.
— *Será que deverei dizer: “Preciso
Abandonar os vícios de pagão?...”*

*Alguém, malandro, vai tornar mais liso,
Com seu sabão, o piso deste chão?”*
Não queira ser esperto, sabichão:
Apenas fique atento ao meu aviso.

O que disser aqui fará sentido,
Apenas se for lido com prudência.
Não diga previamente: — *Eu já duvido*

*Que não me livrarei de tal pendência,
Fazendo prevaleça o meu fluído...
“Errou no termo”, acusa-me a consciência.*

A hora é agora

Estando por aí, tudo parece
Definitivamente esclarecido,
Mas, quando se souber já falecido,
Procura desculpar-se, em bela prece.

A hora é bem agora, antes que cesse
O respirar que obriga a dar ouvido
A quem vem distilar, bem compreendido,
O sumo que Jesus jamais esquece.

Não tenho boa nova que inventar;
Apenas aqui lembro o bom Kardec,
Que desejou pôr ordem no bazar

Das crenças que se abriam como em leque,
Para mostrar que a gente deve dar
Um basta à perversão, pisando o breque.

Faço o que posso

Não tenho o vil costume de entreter
Com fantasia o meu leitor descrente.
Se peso às costas dele, que me aguarde,
Para cumprirmos juntos o dever.

Pois fique na poesia bem assente
Que tudo o que lhe digo é bem-querer,
Amor que se disfarça de poder,
Porque trago este texto diferente.

Porém, dentro do peito, não se esconde
Qualquer intento amargo de desforra,
Pois não perdi da história nenhum bonde,

Tanto que a rima do meu verso jorra,
Por mais que a turma este meu tema sonde,
Tentando achar que mal minh'alma borra.

O mal em mim

É só palpite, mas estou achando
Que perco tempo com ditar o verso:
Por mais que faça, há de sair perverso,
Que o sentimento não está mui brande.

Aí me volto p'ro infinito, imerso
Em cismas mil, a perguntar p'ra quando
Devo esperar que meu destino infando
Se encha do amor provindo do universo.

Se cabe a mim mudar o proceder,
Como bem sei por ter a mente aberta,
Por que é que hesito em dar meu bem-querer

A quem não se mantém, na dor, alerta
Para o evangelho que nos dá o poder
De pôr na rima a solução esperta?!...

Sofrendo ainda

Antigamente, eu não fazia versos
Que contivessem algo bom p'ra todos;
Hoje, aqui chego p'ra exhibir apodos
Que mais ofendem por sutis, perversos.

— Como fazer para me erguer dos lodos
Em que os que sofrem lá se põem imersos?
— Buscando os sentimentos controversos
E desfazendo os perenais engodos.

Mas meu cansaço oprime o bom irmão
Que apanha este ditado, numa boa,
Utilizando as rimas do refrão,

Porque seu filtro esta emoção não cõa
E faz passar a dor do coração,
Enquanto um grito na amplidão ressoa.

O verso bom

Não posso vir de mãos sempre abanando,
Porque devo deixar um verso bom,
Ainda que não tenha o mesmo dom
De quantos cá passaram, como em bando.

As trovas se repetem neste tom
E alguém vai perguntar: — *Mas até quando*
Iremos aturar tanto desmando,
Que a cor mais viva aqui é a do marrom?!...

Ao reclamar assim, eu me imagino
Na pele dum leitor esclarecido,
Querendo mais driblar o meu destino

De ver este poema não vivido
Amarfanhado em cesto, em que combino
Co'os restos doutros tantos sem sentido.

A flor

Buscando realizar o meu trabalho,
Me exponho francamente ao bom leitor
E deixo a ele o lúgubre labor
De dar mais lustre ao piso do assoalho.

Quisera ter o dom de aqui compor
Alguma coisa além deste espantalho,
Porém, por mais que faça, sempre falho
E deixo nele um pérfido estupor.

Embora tenha muito já treinado
E faça o verso sem qualquer defeito,
O pensamento vem desafinado

E, seja a rima que a sorrir eu deito
A mais formosa flor de meu agrado,
O tema jamais lembra o amor-perfeito.

Sem perversidade

Os meus sonetos lembram os da Terra
Que apenas lá coruscam pela rima:
O pensamento segue pela estima
Do sentimento morno que me emperra.

Assim, será a vaidade que me anima,
Neste compasso ameno, como em guerra,
Pois julgo que o saber jamais se encerra
Em duro coração, que o mal arrima.

Estando neste ponto do meu verso,
Não quero regressar ao meu curral,
Porque não reconheço este universo,

Porquanto nada tenha feito igual:
Aí, vou suspeitar não ser perverso
O resultado pobre e natural.

O critério

Falindo, sem clemência para o médium,
Eu vou levando a trova, sem ter medo
De revelar que estou bastante azedo,
Pois não me basta a rima por remédio.

Se alguém quiser a mesa agora, eu cedo,
Que o tom do verso, longe de ser nédio,
Provoca no leitor somente tédio
E dores na consciência e... no meu dedo.

É no frigir dos ovos que eu entendo
Que deve acrescentar-se o bom tempero.
Portanto, quando estou aqui fervendo

E me conflita o tema em desespero,
Aí, eu busco o ânimo estupendo.
Ao nada ver no mundo em exagero.

Desarmoniosa mente

Em ondas, o meu tema desafia
Os pobres que não têm o que dizer:
Queria da bondade e bem-querer
Fazer uma divisa p'ra poesia.

Mas quem virá trovar com tal poder,
P'ra revelar que tudo é harmonia,
Ao se encerrar a tarde, a cada dia,
Para mostrar ao povo seu dever?

Eu venho e não maldigo este meu verso
E digo tudo em forma bem distinta,
Pois é como co'a gente aqui converso,

Na forma e conteúdo sem que minta,
Porque na dor estou ainda imerso,
Querendo que o leitor minha'alma sinta.

É o tio!

É fácil responder ao tal pedido,
Desde que a trova traga algum prazer,
Ao se emitir o som que irá dizer
Que o pensamento irá fazer sentido.

Se normalmente a rima tenha tido
O mérito de vir mostrar que o ser
Está querendo só dar bem-querer,
Aí posso dizer: — *'Tá resolvido!*

No fundo de minh'alma mora um gênio,
Que eu mesmo não compreendo, desde vivo,
Porque jamais com ele fiz convênio.

Agora, na poesia, é criativo:
Ao me lembrar do nome Carlos Ênio,
Eu fico arrepiado e já não crivo.

Satisfação

Eu sou seu tio que veio p'ra poesia,
Mas sei que desconfia já de mim.
Um dia, vai estar bem mais afim
E aqui vai encontrar também a tia.

A vida transcorreu-me boa assim,
Pois fiz o bem, o quanto que eu podia,
E aqui não há dizer um *todavia*,
Porquanto o versejar não é ruim.

Também não tenho luz que me ilumine
A estrada que trilhar pretendo ainda,
Mas, ao pensar que logo que termine

O meu soneto, irei ver como é linda
A rima que o sobrinho determine,
Aí fico feliz que amor não finda.

A libação

Não tive nessa vida um só momento
Que dedicasse ao verso, pois queria
Deixar a minha marca sem poesia,
Pois, como pode ver, eu pouco invento.

E como venho ousar a melodia,
Para marcar na rima um belo tento?
É que tenho por mim um argumento
Que mostra que tal arte não é fria.

Aos poucos, as ideias que concebo
Compõem um lindo texto, sem rancor
Dos tempos em que eu era um bom mancebo,

Porquanto trabalhava com amor
E agora é ambrosia o que mais bebo,
Ao ver que tenho aqui algum valor.

As reminiscências

Pretendo transmitir minha alegria
Em versos despojados de grandeza.
De resto, são bem poucos junto à mesa,
Com possibilidade de poesia.

Eu sei que deveria pôr beleza
No sentimento que melhor daria
Labão, pai de Raquel e assim da Lia,
Como Camões compôs, com singeleza.

Desperta-me a memória para as trovas
Que li durante a minha juventude,
Porque seriam temas para as provas.

Lutei também na escola o quanto pude
E agora vejo que se tornam novas
As rimas que combino com virtude.

A bênção, tio!

Vencido o medo, agora o meu sobrinho
Se põe a versejar com toda pressa,
Sabendo que este plano bem *acessa*,
Quando nos dá do seu melhor carinho.

Mas isto é bom demais, é bom à beça,
Porquanto da poesia eu me avizinho,
Ao encontrar aqui formado o ninho
E tudo o que preciso, sem que peça.

Antigamente, a mão tu me beijavas
E assim sentia em ti todo respeito;
E quando com Lucinho tu brincavas,

Eu via que eras dele bem aceito;
Mas como as almas são do tempo escravas,
Que Deus nos abençoe o que está feito!

O entusiasmo do médium

Em ondas, os meus versos vão chegando
Às franjas da memória do escrevente.
São rápidos, de modo que, contente,
Não tem de perguntar: — *Mas até quando?*

Aos poucos, vou mostrando-lhe o que sente
Quem foge do trabalho tão nefando
De vir realizar, ao meu comando,
Apenas simples trova de carente.

Por isso, ele se emprega com fervor,
A caminhar comigo pelo tema,
Favorecendo a arte de compor,

Pois, lá no fim, não haverá que gema,
Ao ver que redigiu, co'algum valor,
O meu soneto quase sem problema.

A preocupação do médium

Mas desconfia ter dado de si
Bem mais, no desempenho da poesia,
Porque se acostumou a, cada dia,
Pensar mui suspeito: *“Isso eu já li...”*

A solução que o grupo lhe daria
Não dou, para julgar que o mundo ri,
Ao ver tanta besteira escrita aqui,
Por força de livrá-lo duma fria.

Ao publicar os versos deste grupo,
Vai receber do povo tanto apuro
Que irá pensar de novo no trabalho.

Assim, lhe desmereço a confiança
E apago-lhe da mente essa esperança
De vir alguém dizer: — *Sou eu que falho!*

Conversa com o médium

Não venho p’ra brincar de esconde-esconde
E ponho, sobre a mesa, a melhor carta,
Mas ele é tão guloso e não se farta,
Querendo que minh’alma perca o bonde.

Desejo ouvir dizer: — *Raio que o parta!* —,
Ele, porém, me diz que est’alma sonde,
Para evitar que o mal sempre me ronde,
Conforme o fez, na Índia, o bom Sidarta.

Assim, vou conversando, na poesia,
Com o meu médium, que me dá a rima,
A mais difícil, que outra não daria,

A demonstrar o quanto ele me estima,
Favorecendo a trova, todavia,
Sem perturbar, como pensava acima.

Acusação contra o médium

Eu sei que riso franco não disponho
Nos lábios de qualquer leitor atento,
Pois, quando ele descobre que sou lento,
Ergue uma prece a Deus, com ar tristonho.

Aí, quem mais se alegra no momento
E fica, na consciência, mais risonho,
É este servidor, que vive, em sonho,
Para jamais dizer: — *Eu te atormento...*

As dúvidas que geram estas trovas
Não geram porque agora sejam novas
As tais questões da vida após a morte:

É que os humanos sentem ser possível
Que venha do escrevente o triste nível
Dos versos que não têm quem os suporte.

Esquecendo o médium

Mesmo que diga o tempo que levamos
Para fazer a trova, rapidinho,
Não hei de ouvir alguém pelo caminho
Dizer haver bons frutos nestes ramos.

Às vezes, o regaço em que me aninho
Me faz lembrar dos tempos em que os amos
Davam guarida às almas como estamos,
Sofridas, sem amor e sem carinho.

Mas, hoje em dia, repensar a dor
Já não agrada a quem está no mundo
Para gozar, sem ver qual o valor

Que deve ter a vida mais profundo,
Porquanto bem sugiro, ao vir compor,
Que eu boio aqui no etéreo e não me afundo.

Alegria de uns...

Eu comecei o dia bem contente;
Vou terminar em risos, nesta trova.
Não penses que eu direi que, desde a cova,
Sempre pautei o texto neste: — *Aguente!*

— *Tu vais te arrepender!* — Vou uma ova!,
Tanto que ponho alerta este escrevente,
Que não deseja ver que se comente
O seu trabalho aqui, que se renova.

Poder eu poderia o mal malhar,
Mas quem não tem consciência não existe.
Assim, se o meu leitor, não fica a par

De que vai ver, um dia, um dedo em riste,
Seu é o problema muito elementar
De que vai ler o verso d'alma triste.

As recordações

De volta, o velho tio vem p'ra poesia,
Que está na hora de sofrer um pouco,
Mas meu sobrinho diz: — *Coisa de louco,*
Vir entreter-se co'a menancolia!

Mas meu rojão aqui no chão espouco,
Com a lembrança alegre do meu dia,
Porque passei a relembrar que lia
Algumas rimas, sem ouvido mouco.

Minha memória fulge radiante
E um verso bom até que me garante,
Se vier cantar em si bem sustentado.

É que, ao gritar aqui, por este espaço,
O muito deste escândalo que faço
Se perde, sem um eco com sentido.

O resgate

Espanta-se o garoto que o seu tio
Maneje, com aprumo, o rude som
E ponha, no meu verso, uma emoção
Suspeita de não vir sem desafio.

Faz pouco que saí lá do caixão,
Para correr fremente como um rio,
Mas posso aqui dizer que tenho brio,
Porquanto o mestre amigo dá-me o tom.

Então, eu descortino, finalmente,
Que posso resgatar a promissória
Que eu assinei à vista desta gente,

Sem, contudo, poder cantar vitória,
Pois é fácil saber como se sente
Quem útil fez de vida a sua história.

O amparo

Eu compliquei deveras a estrutura
Do verso com que fecho a trova acima,
Não tanto por amor à bela rima,
Mas para ressaltar que alguém me atura.

As lágrimas que choro neste clima
São lágrimas de amor da criatura
Que viu cumprida da promessa a jura
Que fez ao povo que lhe tem estima.

É que encontrei meu pai e minha mãe
A me esperarem lúcidos de fé;
E meus irmãos e tantos mais também,

Querendo me amparar na confusão,
Porque não me lembrava como é
Que se compõe de novo o coração.

Embatucada mente

Ajudam-me os amigos, desde então,
P'ra não deixar o verso desdentado...
Que a brincadeira não deixei de lado,
Para a alegria nobre do perdão.

Contenta-se comigo este empregado,
Porque se faz, na rima, o meu patrão,
Mas, se eu não gosto e digo a ele: — *Não!* —,
Refaz o verso e diz: — *Muito obrigado!*

Meu pensamento vai para a mensagem
Que tenho de enviar para os viventes,
Pois gostaria de lhes dar coragem,

Quando bem sei que muitos estão crentes
De que venci as dores da viagem.
Mas embatuco co'as noções ausentes...

Brincadeira prejudicial

Quero dizer que me integrei a mim,
Sem ter, contudo, desta fé domínio,
Como me mostra o amigo bom, Hermínio,
Que evidencia o lado mais ruim.

Mas como eu sei que em tudo há extermínio,
Se não comermos, burros, só capim,
Vamos poder também chegar ao fim
Do verso que não é tão apolíneo.

A brincadeira que lhe traz o tio
Se constitui em triste desafio,
Quando se quer fazer algo mais sério.

Já me acostumo um pouco com tal prisma,
Porque a cabeça sofre quando cisma
Que tenho de embalar o amor do etéreo.

Respeitosa mente

Este último soneto, em mau rascunho,
Vem comprovar que estou mesmo tantã,
Pois, se estivesse com a mente sã,
Iria dar do amor bom testemunho.

Não quero aqui mostrar quão seja vã
A estrofe que me sai de próprio punho,
Que a rima que preteja sou quem cunho,
Pois mesmo a ovelha negra dá-nos lâ.

Assim, vou encerrando a minha trova,
Sentindo um pouco já tal tremedeira,
Pois sei que muita gente desaprova,

No verso deste lado, a brincadeira
E quer que seja a rima sempre nova,
Mesmo que o autor perdão tanto requeira.

Fora de hora

Eu já não posso vir trazer poesia,
Porque meu médium sofre e descabela:
Por mais que a inspiração lhe seja bela,
Sempre a cair se vê nalguma fria.

Então, não sei que faça mais com ela,
Porquanto, cá no etéreo, não faria
Um verso só, que o som da melodia,
No nosso ouvido, nem um pouco rela.

O compromisso aí gera trabalho
Do nosso lado, sem nos dar sossego,
E vem provar a mim o quanto valho,

Mantendo-me feliz no bom emprego:
Por mais que o verso meu esteja falho,
Deve o mortal sentir o doce achego.

Bondade indisfarçável

Queria que este verso desse o tom
Do sentimento mau que já vivi,
Mas tão de amores são todos daqui
Que penso ter perdido já tal dom.

Então, sinto-me alegre, o jabuti
Que se livrou do índio, por ser bom
No tirocínio com que deu ao som
A imitação da voz: — *Eu danço aí...*

Mas não me engano, tosco que inda sou,
Como se vê na trova que escrevinho,
Embora, nesta rima, eu dê um *show...*

Aceite, caro amigo, o meu carinho
E faça como quem me perdoou,
Seguindo com Jesus pelo caminho.

A seriedade

Toda a aspereza desta situação
Tem também algo bom, lá no final,
Porque, mesmo que tudo saia mal,
Irá mais confortar-se o coração.

O bem que vou fazer é natural,
Porquanto o meu sentir jamais diz *não*,
Para que o meu pensar tenha razão,
Na hora de transpor da vida o umbral.

Então, minhas palavras, com amor,
Se põem bem dirigidas ao leitor,
P'ra que medite nelas com afinco.

Não são as transcrições do maior bem,
Tampouco inspiração de luz contêm,
Mas mostram que, no etéreo, já não brinco.

A vigilância

Esforço-me, contudo, por que a trova
Exponha a compreensão justa da lei,
Conforme determina a minha grei,
Que, sempre que desando, me reprova.

Às vezes, comportar-me bem não sei,
Porque me revirei tanto na cova
Que, quando um verso mau meu ser desova,
Eu penso ser produto para um rei.

— *O nó chegou ao pente* —, diz o amigo,
Por ser muito inferior este meu verso.
Mas que devo fazer, se não consigo

Expor um tema só deste universo,
Porquanto me preocupo mais comigo,
Estando na vaidade ainda imerso?!...

A virtude a ser conquistada

Sugiro, na poesia, que a modéstia
Esteja das virtudes bem no cume,
Sabendo que é o amor que o bem resume;
Mas é que aquela não está na réstia.

Todo poeta da *Escolinha* assume
Que foi um dia *poveretta bestia*,
Como diria quem não tem mais *-éstia*,
Na língua pátria, em que ficou sem gume..

Faço da trova a prova da falência
Dest'alma triste que já tem seu rumo,
Que o despertar da luz na inteligência

Vai demonstrar que vem fora do prumo.
Mas minha crítica requer premência,
Antes que azede o caldo deste sumo.

A pergunta

— *Perdão, Senhor!* — vim repetir de novo
E virei sempre, porque tanto devo.
Sou sem-vergonha quando aqui me inscrevo,
Porque bem sei que me desgosta o povo.

Mas isto basta p'ra que alcance enlevo,
Pois, no meu ramo, brota um bom renovo,
Como a galinha que, ao botar um ovo,
No cacarejo mostra; e assim me atrevo.

Mas reconheço, enfim, minha pobreza
E isto basta p'ra que esteja à mesa,
Desafiando o verso junto ao médium,

Que me pergunta como é que fico,
Quando, ao fim do soneto, chega, rico,
O som com que me livro do meu tédio.

A resposta

Aí, respondo com um novo tema,
Desenvolvendo a trova sem percalço,
Porquanto a forma aqui bem mais realço,
Para manter a luz do nosso lema.

Sem caridade, há de soar bem falso
Que já estou salvo, sem qualquer dilema,
No entanto, o médium não desejo trema,
Conforme tremeria em cadafalso.

Apago a vela e já me vou dormir
Mais satisfeito, por ter feito o verso
E respondido ao caro Wladimir.

Eu sei que, presto, o bom leitor amigo
Vai concluir que tudo está perverso,
Mas eu com ele e com ninguém não brigo...

A promessa...

Queremos que descanse o nosso médium,
Ao menos uma tarde sem poesia.
Aí, vai nos dizer que não iria,
Porque já vem tomando do remédio.

A crítica que faz, também faria,
Se fosse sempre o mesmo o tal assédio.
Quem sabe chegue um verso até que nédio,
Para fazer brilhar a melodia?!

É séria esta proposta, esteja certo,
Porquanto, após a trova, irá apagar-se
A inspiração, que agora está tão perto.

É que, também p'ra mim, o tal descanso
Sugere reconheça eu a catarse,
Para poder dizer que agora avanço.

...cumpre-se.

Espera o bom amigo que feneça
A inspiração, conforme eu lhe predisse.
Enquanto escreve, pensa na tolice
De que nada retém na vil cabeça.

Assim, seu patrimônio é de meiguice,
Porque quer que a promessa a gente esqueça
E outra trova mais alguém forneça,
Para que o grupo todo o bem atice.

Porém, além de dois, não mais faremos,
Porquanto o dia está p'ra lá de fraco,
Que é duro de puxar tão rudes remos,

Enquanto o verso apenas sai opaco,
Que é como esta existência agora vemos:
Vontade de dizer que o verso é caco.

A velha religiosidade

Se só quiséssemos lhe incomodar,
Melhor faríamos ao ir embora,
Porque, ao sentir que está levando um fora,
Toda pessoa cisma em prejudicar.

Mas nós viemos p'ra lhe dar agora
A condição da rima singular,
Que é assim que pomos, como, em belo altar,
Muitos desejam ver Nossa Senhora.

A regalia está no desafio
Da crença, que se nutre por um fio,
Ao respeitar o médium quem lhe dita.

Conquanto saiba ser um sofredor
Que, apenas por citar Nosso Senhor,
Julga esta simples trova a mais bonita.

O desafogo

A turma que me trouxe para o verso
Conhece bem o tanto problemático
Do esquema deste cara sorumbático,
Que sabe que seu tema é controverso.

Mas quero aqui dar uma de simpático,
Depois de tanto gajo vir imerso
Nas tristes condições de ser perverso,
Enquanto que o leitor quer ser mais prático.

Assim, meu desempenho eu vou levando,
Sem permitir que inquiram: — *Até quando?* —,
Porque o soneto fala de justiça.

Quem teve um dia a glória de vencer
A etapa tétrica do Umbral vai ver
O quanto vale vir encher linguíça.

Violência sutil

Não quero aborrecer meu escrevente,
Ditando-lhe este verso repetido,
Mas, se eu fugir, já deixo sem sentido
Aquilo que bem sei estar presente.

O passo desta marcha vem batido,
O tema logo o médium me pressente
E até que posso vê-lo mais contente,
Porque, próximo ao fim, me tem valido.

A minha trova consta estar perfeita,
Por vir com esta manha de atributo,
Qual seja o tal de ser do mestre aceita

Aí, o italianinho *farabutto*
Não torna esta linguagem escorreita
E o jogo, que era leve, fica bruto...

Poesia é mal menor

Estimo vir contar conforme sou,
Regrando esta poesia na consciência,
Cumprindo, com amor, certa obediência,
Que é como o artista aqui vem dar o *show*...

Queria decretar minha falência,
Usando a alternativa dum bom *ou*,
Mostrando o esfarrapado que hoje estou,
Para evitar aí maledicência.

Insiste o meu amigo cá da Terra
Que devo vir ao fim sem desencanto,
Por declarar aos vícios rude guerra.

Abandonar a trova estando em meio
Seria estimular-me a triste pranto,
Porquanto o meu rancor era mais feio.

O não ao verso

Fazer outro soneto é correr risco,
No entanto me estimula o caro amigo,
Dizendo que seguir junto comigo
Irá levá-lo a um quente e bom aprisco.

Percebo, então, que o verso já consigo,
E, embora sonolento, jamais pisco:
Conquanto tenha trave, poste e cisco,
Vou registrando a rima e não mendigo.

Agita-se o meu médium na cadeira,
Lembrando-me Camões em sua cova,
Mas digo-lhe que tudo é brincadeira,

Que quem o tema alegre mais reprova
Talvez, em breve tempo, nos requeira
Também vir registrar a sua trova.

Nobre finalidade

Vem pedir-lhe o poeta que trabalhe,
Nem que seja tão só para um soneto,
Que não vai ser perverso, pois prometo
Que vou livrar as rimas deste encalhe.

Ao me lembrar que existe um poemeto,
Eu peço a Deus que a ideia não me falhe.
Então, o meu mentor, me exige: — *Dá-lhe,*
Que a banda toca em fúria no coreto...

Assim, vou maneirando o verso meu,
Co'a firme decisão de ver o fim,
P'ra que ninguém me diga que não deu,

Porquanto tenho o espírito ruim.
Se a obra que hoje faço é de sandeu,
Aí, eu peço preces para mim...

Agradecida mente

Eu devo agradecer a toda ajuda
Que recebi durante a transmissão.
Se nada fiz de bom, não foi em vão
Que aqui desrespeitei quem diz: — *Caluda!*

Na busca dessa rima, a perfeição
Requer mais um pedido: — *Deus me acuda!* —,
Senão este poema jamais muda
O intento do leitor de dizer: — *Não!*

Por isso, o verso meu dispensa o brilho
Da inspiração poética do amor
E venho repetir tão só o estribilho

De quantos cá vieram sem temor:
O tema tão cediço que perfilho
Apenas lembra um ser inferior.

Arrependida mente

Arrependi-me, um dia, alvoroçado
Por ter tanta maldade em meu passivo:
Enquanto, aí na Terra, estava vivo,
Deixei a alheia dor posta de lado.

Agora, quando o pensamento crivo
No sofrimento desesperançado
Daqueles a quem nunca dei agrado,
Espero que o Senhor me ponha ativo.

Até neste meu verso, o compromisso
De dar conforto aos pobres que feri
É forma de prestar algum serviço.

Assim, posso dizer que faço aqui
A penitência justa desse enguiço,
Mostrando o vil tormento que sofri.

Onde as luvas?

Bem sei que poetar gera conforto,
Ao menos por livrar-me alguns momentos
Dos ásperos e tristes pensamentos,
Já que devo chegar a lindo porto.

Não quero transformar os sentimentos
Apenas num soneto natimorto;
Nem quero meu leitor mais absorto,
Ao ver pandas as velas pelos ventos.

É claro que a poesia compromete
Tal ânsia declarada logo acima,
Porquanto a bela forma é só confete,

Equilibrada, sim, por farta rima,
Atenuando as dores do bofete
Que dou, mão sem pelica, em quem não prima.
Indaiatuba, de 20.10 a 19.12.95.